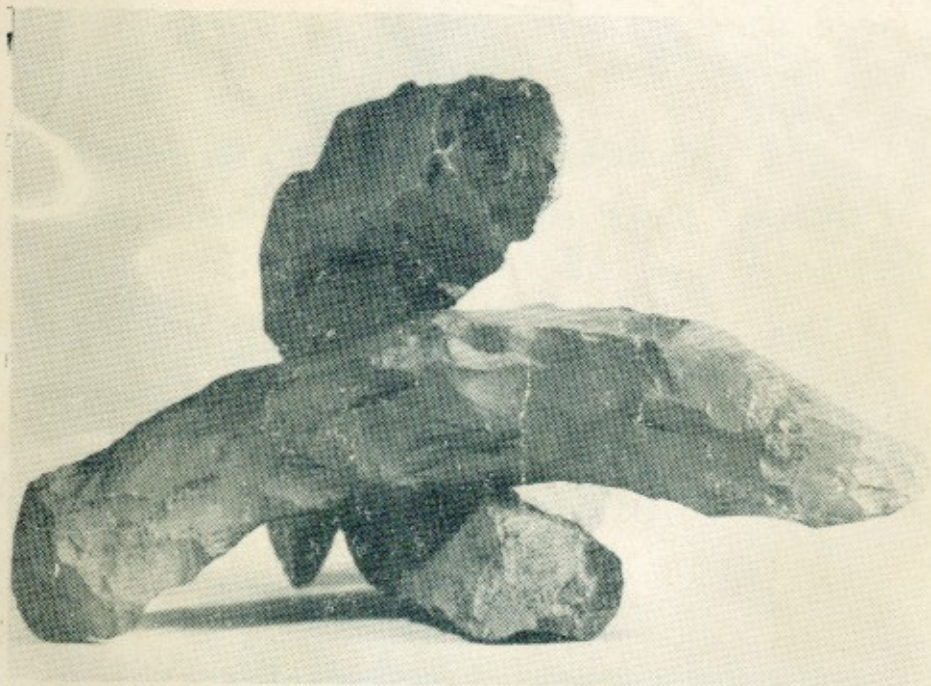




FUNDESTE

Cadernos do Centro de Organização
da Memória Sócio-Cultural do Oeste
de Santa Catarina-CEOM



*Artefatos Alto-Paranaenses
Foto: Aribert Bertoncelli (1988)*

Fundação de Ensino do
Desenvolvimento do Oeste
Centro de Ensino Superior
- Chapecó -

Ano 4, n. 1/2, set. 1989

Reedição

CADERNOS DO CEOM. Chapecó, FUNDESTE/Centro de Organização da
Memória Sócio-Cultural do Oeste de SC, 4 (01/02), set. 1986.

. História – Periódicos. 2. Santa Catarina – História – Periódicos. I Funda-
ção de Ensino do Desenvolvimento do Oeste.

CDD 900.05 981.6405

FUNDAÇÃO DE ENSINO DO DESENVOLVIMENTO DO OESTE –
FUNDESTE CENTRO DE ENSINO SUPERIOR

Diretor Geral: Prof. Santo Rossetto

Vice-Diretora: Prof^a Elizabete Rabaldo Bottan

**Centro de Organização da Memória
Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina**

Coordenador: Pedro Francisco Uczai

Cadernos do CEOM

CEOM - UNDECOM - CHAPECÓ
REGISTRO N.º

CONSELHO EDITORIAL

Coordenadora Editorial: Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

Membros: Arlene Anélia Renk
José Carlos Ortiz
Nemésio Carlos da Silva

Secretária: Dulce Fátima Zopeletto

FUNDAÇÃO DE ESTUDO DO OESTE DO PARANÁ
REVISTA DE HISTÓRIA DO OESTE

Sumário

Coordenadora: Prof.ª Sônia Rossetto
Vice-Coordenadora: Prof.ª Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

AOS LEITORES.....

SÍNTESE HISTÓRICA DA REGIÃO OESTE, Santo Rossetto.....

OESTE BRAVIO, Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz.....

SÍNTESE PRÉ-HISTÓRICA DO OESTE, Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz.....

1984

Coordenadora: Prof.ª Sônia Rossetto

CONSELHO EDITORIAL

Coordenadora Editorial: Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

Membros: Arnaldo de Moraes
José Carlos Dittz
Fernando Carlos de Bona

Secretaria: Dulce Fátima Zappella

Aos leitores

Os Cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste – CEOM, completam três anos de existência. Acreditamos ser a hora de efetuar um pequeno balanço a este respeito.

Neste curto, porém, frutífero período, mesmo atravessando as vicissitudes enfrentadas pela grande maioria das publicações universitárias, têm conseguido manter uma regularidade de funcionamento, com duas edições anuais.

A sua idealização e organização foi uma decorrência do trabalho que, em 1986, a Coordenação da primeira Comissão Central começou a desenvolver, após sua nomeação pelo Prof. Santo Rossetto, Diretor Geral da FUNDESTA e autor do projeto que deu origem ao CEOM.

Seu objetivo inicial foi divulgar os dados e informações, produtos da ação-reflexão desencadeadas pelo CEOM no seu esforço pioneiro a nível de escola privada, por estabelecer um trabalho permanente de resgate, preservação e sistematização das fontes histórico-culturais da área de abrangência institucional. Optou-se, então, por realizar uma publicação em cadernos, já que estes, pela sua própria natureza, atenderiam a mesma finalidade sem a exigência do rigor editorial de uma revista. Outro de seus objetivos principais explícitos, tem sido o de possibilitar o aproveitamento escolar ou extra-escolar dos estudos realizados. A partir do terceiro número, caminhou-se no sentido de abrir a publicação para colaborações de autores e pesquisadores de diversas formações, desde que sua temática e qualidade de conteúdo estivessem, diretamente, relacionados com o processo de evolução sócio-cultural da região.

A excelente acolhida que as modestas, porém significativas publicações iniciais receberam da comunidade em geral, e dos professores, especialmente os de História e de Estudos Sociais, deram impulso ao nosso trabalho. A tiragem inicial de 200 exemplares, elevou-se para 600 no quarto número e, já, no quinto atingiu os 1000 exemplares. Também, a qualidade gráfica passou por transformações: enquanto que os três primeiros volumes eram fotocopiados e no tamanho correspondente a uma folha de ofício, os posteriores adquiriram o formato atual. Mudou-se a capa e, sua impressão passou a ser realizada por profissionais. Por óbvias razões de ordem financeira, a ampliação da distribuição levou a determinar um valor simbólico, em conceito de assi-

natura, o que na realidade, apenas cobre o importe de expedição e transporte.

Também a proposta editorial foi ampliada dando origem à 'Série DOCUMENTO' que encontra-se no seu segundo número.

Há, porém, uma questão que nos parece de vital relevância, antes de concluir esta breve retrospectiva histórica. Trata-se da definição dos pressupostos filosóficos, que impulsionam o trabalho de reapropriação coletiva da memória sócio-cultural que este Centro de Memória pretende desenvolver. Nesse sentido, o conceito de história endossado pelo CEOM é aquele que entende que a apreensão da realidade presente e das possibilidades de intervenção no social, passa, necessariamente, pelo conhecimento científico do passado. Em nome desta dimensão é que estes cadernos procuram estar em sintonia com as pertinentes contribuições multidisciplinares das ciências sociais em geral. A este respeito existe, como uma constante, a preocupação por manter a pluralidade de enfoque e de concepções metodológicas. Da mesma forma, achamos que o retrato do quadro histórico regional pode e deve ser obtido com o aporte de todas as histórias possíveis; da história política (não necessariamente a episódica tradicional), da história econômica, da história social, da micro e da macro-história. Historiadores, cientistas sociais e mesmo autodidatas estão sendo convidados a participar da inadiável tarefa de captar e desvelar a complexa e rica substância de nosso passado regional. Em suma, a história do homem oestino deve manter-se aberta a esse diálogo e os Cadernos devem ser o ponto de contato entre eles.

Temos consciência, que ao longo deste primeiro triênio de existência as publicações foram chamadas a suprir as carências e lacunas que a historiografia regional e estadual apresentam. Nada mais oportuno, pois, para comemorar a continuidade da proposta editorial do CEOM/FUNDESTE que atender às diversas solicitações de nossos leitores, através da reimpressão conjunta dos Cadernos 01 e 02, que se encontram esgotados. Trata-se de uma versão revisada que introduz algumas modificações secundárias como, por exemplo, unificação e reordenação dos artigos num único sumário. No mais, traz o conteúdo do primeiro e segundo Caderno, constituído por: uma síntese histórica da região; um pequeno artigo que aponta o valor das anedotas e dos relatos pessoais como fonte de reconstrução do Oeste bravo, e, um estudo sobre a pré-história regional.

Para finalizar, sabemos que a linha editorial, quanto à apresentação, abordagem temática e o próprio estilo, pode, e deverão, ser reformuladas em

em 1919, sua sede foi transferida para Xanxerê, sendo que em 1923 voltou ao Passo Bormann, para retornar a Xanxerê em 1929. Dois anos mais tarde, em 1931, a localidade intermediária entre Passo Bormann e Xanxerê, denominada Passo dos Índios, passou a denominar-se Chapecó e a abrigar definitivamente a sede do novo município.

2. Processo Histórico de Povoamento e Formação do Antigo Chapecó

Até por volta de 1839, a região Oeste de Santa Catarina vinha sendo ocupada por fazendeiros vindos de Guarapuava e Palmeiras que, então, pertenciam, respectivamente, aos Estados de São Paulo e Paraná. Mediante ocupação dos Campos de Palmas, foi aberto um "caminho de tropas" que levava ao Rio Grande através de Chapecó, passando por Guarapuava e daí seguindo para Curitiba e São Paulo. Foi, entretanto, com a delimitação final da fronteira entre Brasil e Argentina, em 1885, que a região passou a ser efetivamente explorada. O processo de povoamento vindo do norte efetuava-se mediante o estabelecimento de fazendas de criação e extração de erva-mate, como principais suportes econômicos regionais dos primeiros tempos.

A fase de colonização, propriamente dita, ocorre somente após o término da Guerra do Contestado, em 1916. Tendo eclodido sob a forma de luta armada em meados de 1912, com uma duração de 4 anos, o episódio denominado de "Guerra do Contestado" é um marco histórico de extrema importância no processo de evolução e transformação de estrutura sócio-econômica de toda essa imensa região colonial catarinense. O movimento de insurreição de "jagunços" e caboclos alastrou-se, com efeito, em terras de 5 micro-regiões homogêneas do Estado: Campos de Lages, Campos de Curitiba, Colonial do Rio do Peixe, Colonial do Oeste Catarinense e Planalto de Canoinhas.

O Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina, do ponto de vista puramente geográfico-espacial, não fazem parte da precisa região que se transformou em palco e cenário das lutas sangrentas que constituíram a "Guerra do Contestado". Esta exclusão, entretanto, não pode ser admitida do ponto de vista histórico-cultural. O Oeste e o Extremo-Oeste, na verdade, faziam historicamente parte de toda a região "Contestado" pelos Estados do Paraná e Santa Catarina. Além e em função disso, o Oeste e o Extremo-Oeste Catarinense só passaram a ser efetivamente ocupados por imigrantes gaúchos depois que essa guerrilha foi debelada pelas forças regulares do governo, o que equivale a dizer que a área foi efetivamente varrida dos remanescentes cabo-

elos que poderiam reivindicar o uso e a posse daquelas terras, como representantes ou descendentes da primeira fase da colonização.

Esta segunda colonização se processa principalmente em consequência da expansão da área colonial procedente do Rio Grande do Sul. A frente de expansão agrícola, instalada no noroeste do Rio Grande, foi intensificando seu avanço para o interior de Santa Catarina, composta, em regra, por descendentes de imigrantes, particularmente italianos. Desde o momento em que se solucionou a questão do Contestado, as grandes e promissoras potencialidades de colonização do Oeste Catarinense proporcionaram, a alguns empresários, a obtenção do governo catarinense de enormes concessões de terras, para promover esse processo de colonização, envolvendo a aquisição de títulos e direitos de herdeiros de antigos sesmeiros e fazendeiros vindos do norte, mais precisamente de São Paulo e especialmente do Paraná.

Através dessas duas frentes, mas especialmente da segunda, a colonização conquistou definitivamente a região. A população indígena foi reduzida a cerca de 1.200 indivíduos que vivem hoje numa reserva situada no município de Xanxerê. Os sertanejos, que através de um processo de intrusamento, precederam os colonizadores imigrantes também desapareceram destruídos, diluídos ou absorvidos pelo novo sistema que se instalava, caracterizado em pioneirismo colonizador, de imigrantes gaúchos que levavam para Oeste o processo da competição pela ânsia do lucro. A preocupação passou a ser, exploração dos recursos florestais e o cultivo do solo, agressivamente.

O Rio Uruguai, com suas cheias constantes, serviu de caminho para o escoamento de madeira para a Argentina, em forma de balsas, resultado de um desbravamento, ao mesmo tempo intensivo e extensivo, de toda a região. Em contrapartida, a cultura do milho, associada à criação de suínos, veio abrir perspectivas definitivas para a região se firmar como área fornecedora de alimentos, integrando-se, desta forma, de maneira lenta mas progressiva, à Santa Catarina e ao Brasil.

3. Mudança dos limites do Município

A área do município de Chapecó era de 14.071 Km². O desbravamento desta imensa área administrativa efetuou-se com relativa rapidez, impulsionado sobretudo pela empresa colonizadora "Bertaso & Maia & Cia", que desde 1918, ainda com seu escritório inicial em Passo Fundo, foi retalhando as enormes propriedades e impondo a atual estrutura minifundiária que caracteriza a região. Foram assim colonizados por esta empresa as fazendas: Campi-

na do Gregório, Chapecó, Rodeio Bonito, Campina do Butiá e Saudades.

Neste processo de colonização, Chapecó e seus distritos foram tomando forma de cidade e povoado. Na sede do município, estabeleceram-se os primeiros hotéis ou "casas de pasto" como eram denominados, as primeiras bodegas, as primeiras lojas, fazendo, do comércio intermediário, da compra de produtos agrícolas e vendas de manufaturados, a primeira e principal característica de sua atividade econômica.

O ramo da indústria teve seu início no setor de extração e beneficiamento de madeira de pinho e de lei com a implantação da primeira serraria "Engenho da Serra". Coube ainda à Empresa Bertaso, que em 1934 passou a denominar-se Empresa Colonizadora e Industrial Ernesto Bertaso S A, promover a instalação de diversas indústrias cerâmicas, moinho de trigo, frigorífico, energia elétrica, etc. que imprimiram os primeiros passos ao processo de industrialização de Chapecó.

Das áreas colonizadas por esta firma surgiram os municípios de Xaxim, Coronel Freitas, São Lourenço do Oeste e Campo Erê. Ao todo, são 36 os municípios surgidos como consequência do desmembramento do antigo Chapecó. Além dos já citados, pertenciam à área original de Chapecó os municípios de Palmitos, Maravilha, Mondai, São Miguel do Oeste, Dionísio Cerqueira, Itapiranga, São Carlos, Modelo, Pinhalzinho, Saudades, Nova Erechim, São José do Cedro, Guarujá do Sul, Palma Sola, Caxambú do Sul, Descanso, Águas de Chapecó, Galvão, São Domingos, Abelardo Luz, Faxinal dos Guedes, Vargeão, Romelândia, Guaraciaba, Anchieta, Caibi, Cunha Porã e os recentemente desmembrados: Marema, Iporã e União do Oeste.

Desta forma, a área de 14.071 Km², de que dispunha Chapecó, foi reduzida a menos de 1.000 Km². Essa diminuição geográfica, entretanto, em nada diminuiu a importância de Chapecó, que continua representando o verdadeiro pólo e o centro administrativo de toda a região Oeste de Santa Catarina. Prova disso é o fato de ser hoje o município-sede da Secretaria dos Negócios do Oeste, destinada a descentralizar o governo do Estado em toda a região Oeste de Santa Catarina, reunindo quase todas as atribuições das demais secretarias de Estado. Criada pela lei nº 3.283, de 17 de agosto de 1963 e instalada em dezembro do mesmo ano sob o governo Celso Ramos, a Secretaria dos Negócios do Oeste representa uma iniciativa inédita no Brasil, tendo como escopo a integração do Oeste de Santa Catarina, totalmente diverso e distante do Estado, quer pelas dificuldades de comunicação e precariedade das estradas então existentes, quer pelas suas peculiares características sócio-econômicas, quer ainda pelo fato de sua economia ser mais facil-

mente absorvida pelos vizinhos estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Sob o impulso desse órgão estatal foram rapidamente sanados inúmeros fatores adversos ao desenvolvimento regional, como a carência quase total de energia elétrica, a falta de escolas, de meios de transporte, de estabelecimentos de saúde e assistência social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Santos, Silvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis, Ed. do Autor, 1974, 124 p.
2. ———. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis, Lunardeli, 1973. 313 p.
3. GOULART, Mariland. **Projeto Arqueológico Uruguai; Síntese do levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó**. Florianópolis, UFSC, 1983.

OESTE BRAVIO

Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz*

*No sé donde nasci,
ni sé tampoco, quien soy.
No sé de donde he venido
ni sé para donde voy.*

*Soy rama de árbol caída
que no sé donde cayó.
Donde estarán mis raíces?
de que árbol soy rama yo?*

(Versos populares da Colombia)

O desamparo do homem alienado de suas próprias raízes históricas, que os versos acima epigrafados sugerem, reforçam a consciência de que urge reatar os vínculos do homem oestino com seu passado.

Se a história de Santa Catarina como a do próprio Brasil é "nova" e a sua historiografia incompleta, a história de nossa região, mais recente, ainda, apresenta um campo repleto de vazios e de interrogações.

A percepção dessas dificuldades e a certeza de que um povo sem memória compromete seu futuro, impele à superação da inércia e leva a refletir seriamente, sobre a necessidade de mergulhar no processo de nossa evolução histórica. Porém, a especificidade do conhecimento histórico como uma das formas de apreensão da realidade presente, não se esgota no levantamento da documentação nem no seu tratamento técnico-metodológico. A especificidade histórica passa, necessariamente, como explicita Borges (1983), pelo desenvolvimento das forças transformadoras da história, ajudando-as a se tornarem mais conscientes de si mesma. É essa mesma especificidade que pode converter a História na mais política das Ciências Humanas.

Inventariar, decifrar e reinventar a história de nosso povo à luz de suas profundas conexões com o estado, com a nação como um todo, e recuperar também a "dimensão latino-americana" de sua cultura, configura-se num desafio inadiável. Nesta perspectiva, a reapropriação de nossa memória poderá

* Coordenadora Editorial dos Cadernos CEOM/FUNDESTE
Responsável Biblioteca Central - BC/FUNDESTE.

ser capaz de, possibilitando a consciência de si, propiciar uma ação dos homens sobre sua realidade.

Indubitavelmente, a questão de abordagem e da abrangência histórica é fundamental, como também, é fundamental a questão das fontes que serão utilizadas para a reconstituição do processo histórico. Por isso e, a despeito da relevância que a história positivista tradicional dá às fontes primárias em geral e ao documento oficial em particular, não podemos desprezar o aporte de fontes, que segundo o tema escolhido, também poderão ser tão ricas e reveladoras quanto as outras. Como propunham os mentores da "nova" forma de "fazer" história (Fevre, Bloch e Braudel) é possível e necessário construir os fatos históricos a partir de toda classe de documentos.

Os diferentes tipos de informações, extraídos em diversas épocas, a partir de diversas fontes, podem sem dúvida, nos dar um testemunho vivo e até mais autêntico a respeito do processo histórico regional do Oeste Catarinense.

Avaliamos ~~pois~~, que na reconstrução do oeste bravo, como dizem os "antigos", as anedotas coloridas e os relatos pessoais contribuem com a mesma força documental de qualquer outro material histórico.

Neste sentido, possuem um valor ilustrativo muito valioso, algumas impressões que o Oeste Catarinense despertava nos que chegavam de fora. A título de exemplo, selecionamos, na oportunidade, alguns trechos das anotações de Wenceslau de Souza Breves, 1985 encarregado da demarcação das terras concedidas à colonização Bertaso, Maia & C a.:

"Em meados de 1920, era eu auxiliar da Comissão Técnica discriminadora de Terras, quando esta recebeu instruções para se transferir para Chapecó, a fim de demarcar as terras concedidas à Empresa Colonizadora Bertaso, Maia & Cia.

O Chefe da Comissão, engenheiro Eurico Borges dos Reis, disse-me então:

— Não vou. Tenho mulheres, filhos e essa é uma região onde se mata um homem por simples divertimento.

E demitiu-se.

O Dr. Adolfo Konder, Secretário da Fazenda, Viação, Agricultura e Obras Públicas, mandou me chamar:

— Quer ir você substituir o Eurico, interinamente?

Eu era moço e solteiro. A aventura tentou-me. Fui, e não me arrependi". (p. 07).

.....
Chapecó, em 1920, a maior parte de meus companheiros de Comissão estavam muito impressionado pelos filmes americanos de faroeste. Por isso prepararam-se com uma indumentária apropriada de quem ia para o faroeste catarinense: grandes chapéus de cowboys, camisas de xadrês de cores vivas, revólveres, col-dres de couro vistosos, luvas de couro e punhos longos e largos.

Com esse aparatoso vestuário e acompanhado de um casal de lindos cães policiais que Nenga Santerre levava, saltei com eles em Porto União, à noite, a fim de fazermos a baldeação para a linha do rio do Peixe. E logo correu pela cidade que havia chegado a vanguarda de um circo de cavalinhos..." (p.50)

Este testemunho, mostra-nos como a versão dos atores históricos, pode ser um importante manancial de informações que, coligidas com outras, nos poderão aproximar à totalidade possível de nosso passado regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
2. BREVES, Wenceslau de Souza. O Chapecó que eu conheci. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3 (6): 07-73, 1985.

SÍNTESE PRÉ-HISTÓRICA DO OESTE CATARINENSE*

Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz

1. Introdução; 2. Pré-história — conceituação; 3. A evolução humana; 4. Retrospectiva paleontológica; 5. Estágios culturais da evolução humana; 6. O homem fóssil americano; 7. A origem do homem e das civilizações americanas; 8. Considerações preliminares acerca da história catarinense; 9. As culturas pré-históricas na região oeste de SC; 10. Relação dos sítios arqueológicos da região; 11. Do resgate e da necessidade de preservação de nossos sítios arqueológicos; 12. Referências Bibliográficas; 13. Anexos.

INTRODUÇÃO

Duas razões principais nortearam esta publicação. Em primeiro lugar, a tentativa de levantar noções gerais que permitissem esboçar a Pré-História da região oestina. Esta tarefa impôs como requisito prévio contextualizar a Pré-História regional dentro do panorama pré-histórico mundial e nacional. Neste empreendimento, uma das dificuldades mais sérias com que nos defrontamos foram as fontes bibliográficas incompletas ou pouco atualizadas e sobretudo a carência de dados conclusivos a respeito. A pesquisa pré-histórica tem, em linhas gerais, progredido pouco no Brasil. Faltam-lhe recursos financeiros e humanos que possibilitem os necessários estudos sistemáticos. O panorama da Arqueologia Pré-histórica Brasileira registra, na desoladora maioria dos casos, "trabalhos de salvação do material arqueológico" (*Beck, 1968, p. 77*). Neste contexto, a situação dos estudos da pré-história catarinense revela-se similar, com destaque às pesquisas do Prof. Walter Piazza, da Prof.^a Annamaria Beck e as do Pe. Rohr. A nível estritamente regional, cabe ressaltar, a experiência efetuada pela ELETROSUL que, em função do Projeto Uruguai de construção de barragens, conveniou uma equipe de antropólogos da UFSC para, entre outros objetivos, desenvolver pesquisas arqueológicas sistemáticas na bacia do rio Uruguai.

* Trabalho apresentado para obtenção do grau de licenciado em Estudos Sociais, na FUNDESTE.

As conclusões dos primeiros relatórios, frutos desse convênio, e os dados das pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos vinte anos, especialmente as do Pe. Rohr, oferecem dados interessantes a respeito da evolução cultural dos primitivos habitantes da região, que merecem ser conhecidos e divulgados.

Esta primeira razão está, intimamente relacionada com um dos objetivos fundamentais do Centro de Memória Sócio-Cultural, qual seja, o de possibilitar o aproveitamento, a nível escolar e extra-escolar, da alocação, mesmo que preliminar, das fontes que permitem retratar o processo evolutivo regional.

A segunda motivação, decorre da preocupação pela falta de consciência que se constata em relação ao imenso valor histórico que encerram os sítios arqueológicos regionais (os já mapeados e os por mapear), e a intenção de divulgá-los para contribuir com a sua própria preservação. Por outra parte, cientes de que a terminologia específica, aqui utilizada, dificultaria a compreensão do leitor, incluímos, ao final desta síntese, um glossário.

2. PRÉ -HISTÓRIA – Conceituação

Antes mesmo da tentativa de esboçar a Pré-História estadual, necessário se faz analisar e delimitar o próprio termo "Pré-História".

Em primeiro lugar, pode-se dizer que esta palavra dá margem a confusões, uma vez que designa, tanto um período da história da humanidade — o anterior à história baseada em textos —, como também uma ciência que tem como objetivo o conhecimento das épocas pré-históricas; como problema, a reconstituição das etapas da humanidade pré-histórica; como método, a arqueologia, a antropologia e paleontologia. (*Laming-Emperair, 1968*).

A Pré-História, pois, enceta o conhecimento do passado humano onde cessa a história registrada. História e Pré-História complementam a reconstrução do desenvolvimento humano, diferindo quanto à época abordada, às fontes documentais e aos métodos de reconstrução adotados. Ambas, porém, procuram visualizar o modo de vida de um povo que viveu em épocas diferentes, tentando explicar o processos de transição de um período para outro.

Pela sua própria natureza, a Pré-História não é, nem será uma ciência exata. Os métodos de datação ainda oferecem grandes margens de erros e muitos dos artefatos produzidos pelo homem, que permitiriam uma reconstituição mais aproximada, por serem confeccionados em material perecível (madeira, couro, etc), perderam-se para sempre.

O período que a Pré-História objetiva estudar é vastíssimo. Enquanto a História abrange o estudo de sociedades, cuja documentação escrita remonta-se no máximo a 7 mil anos atrás, a Pré-História pretende abarcar a época onde o desenvolvimento humano parece ter começado, é dizer, aproximadamente, dois milhões de anos atrás (*Trigger, 1973*).

No presente trabalho, parte-se do pressuposto de que a pesquisa Pré-histórica Catarinense procura determinar quais foram as culturas extintas que viveram no estado e, reconstruir os grupos primitivos – proto-históricos – que ali habitavam quando da chegada do conquistador europeu; bem como, determinar o conteúdo de suas culturas, definir sua origem, difusão e suas relações com outras culturas no tempo e no espaço; explicar, enfim, o que aconteceu com eles.

Assim, com todas as limitações da Pré-história geral, acrescidos pelas dificuldades que enfrenta a pré-história brasileira em particular, poder-se-ia dizer que, com os dados disponíveis, procuraremos desvelar, a nível da pré-história regional, algumas dessas interrogações.

3. A EVOLUÇÃO HUMANA

A evolução do homem através dos tempos foi lenta. Milhões e milhões de anos se passaram até que, em decorrência de uma série de mutações na escala animal, surgiram os primitivos homídeos. Embora os dados fósseis até agora sejam insuficientes, não se duvida mais que o homem tenha evoluído de antigos primatas (*Marconi & Presotto, 1985*).

A questão que se mantém pendente é a de quais foram os fatores determinantes na transformação do macaco em homídeo.

Engels forneceu uma explicação científica do fenômeno de hominização, argumentando que o fator principal neste processo foi o trabalho: "o trabalho criou o próprio homem". (*Engels apud Diakov & Kovalev, 1985, p. 22*). Pela fabricação intencional dos instrumentos, os membros anteriores diferenciam-se dos membros posteriores, desenvolvem-se as mãos, consolida-se a necessidade de caminhar ereto, ao passo que se favorece ao desenvolvimento da laringe e das cordas vocais e o aumento do volume do cérebro. Segundo Diakov e Kovalev (1985, p. 23), "o estudo de ossadas de homens fósseis mostra que a diferenciação dos membros precede a evolução do crânio, o que confirma claramente a idéia de Engels sobre o papel do trabalho no aparecimento do homem".

Atualmente, existem modelos alternativos para explicar o fenômeno da

hominização. Alguns deles abandonam a tese da necessidade de fabricação de instrumentos como determinante da postura ereta, associando-a a "aspectos do comportamento sócio-sexual e a fatores demográficos" (*Ciência Hoje*, 1988, p. 49). De tal sorte que, invoca-se, como uma das hipóteses, a aptidão estratégica de maior relacionamento sexual desenvolvida pelas fêmeas, o que atraiu os machos junto a elas e sua prole. "A necessidade de carregar alimentos com as mãos para dividí-los com parentes diretos é que teria tomado a postura bípede adaptativa, há cerca de cinco milhões de anos" (*Idem, Ibidem*). Em verdade, é difícil conseguir provas a respeito das causas seletivas específicas que provocaram o processo de diferenciação biológica. Admite-se, no entanto, que a postura ereta foi adquirida muito antes da feitura de instrumentos.

Por outro lado, graças aos estudos paleontológicos, presume-se que os homídeos mais antigos pertencem ao gênero *Australopithecus*, descobertos pela primeira vez por Dart em 1924, na África (com uma antiguidade de \pm 1,6 milhões de anos). Estes pré-homídeos teriam surgido há cerca de cinco milhões de anos, no Pleistoceno, a partir dos macacos ou antropóides (*Ciência Hoje*, 1985). Fósseis destes precursores da espécie humana, também têm sido encontrados na Ásia (Java e China) com uma antiguidade mais recente não ultrapassando os 900 mil anos; junto aos seus restos acham-se "os mais antigos artefatos líticos conhecidos". (*Mendes, 1977, p. 285*). Este tipo perdurou até o aparecimento do *Homo erectus*, na África, pertencente já ao gênero *Homo*. A primeira descoberta desta espécie extinta de *H. erectus*, data de 1892, quando Eugene Dubois achou seus restos em Java (Ásia). O "homem de Pekim", descoberto na China, em 1927, por Davidson Black é, atualmente, considerado uma subespécie de *H. erectus*. Esta espécie fabricou artefatos líticos mais bem elaborados e conhecia o uso do fogo; presume-se que a descoberta do fogo date de aproximadamente \pm 400 mil anos.

O chamado "Homem de Neanderthal" (Rep. Fed. da Alemanha) é posterior, com uma antiguidade de 120 mil anos. A tendência em paleontologia é considerá-lo uma subespécie do *Homo sapiens*. Existiu durante quase 100 mil anos, distribuiu-se pela Europa e Oriente Próximo e extinguiu-se há cerca de 30 mil anos (*Ciência Hoje*, 1988). Nessa época, começaram a surgir homens idênticos aos atuais. Seus vestígios são classificados como *Homo sapiens sapiens* e imputados a raças extintas como as de Cro-Magnon, Chancelade e Grimaldi. Estas raças representariam o protótipo dos três grandes grupos raciais conhecidos: os brancos, os asiáticos e os negros respectivamente. (*Marconi & Presotto, 1985*).

CEOM-UNOESC - CHAPECÓ
REGISTRO N.º

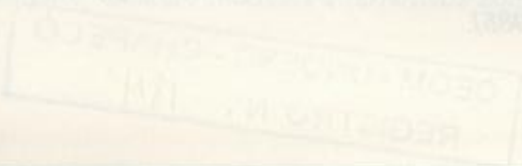
No fenômeno da humanização, a maioria dos paleontólogos aceita a descendência vertical: **Australopithecus** — **Homo erectus** (Pitecantropus, Homem de Java, Homem de Pekim) **Homo sapiens**. (homem de Neanderthal)— **Homo sapiens sapiens** (Cro-Magnon — Chancelade-Grimaldi).

O **Homo sapiens** tinha uma tecnologia avançada, desenvolveu a arte rupestre (pinturas coloridas nas cavernas) e a indústria de lascas. Quando as glaciações terminam, os seres humanos se transformam em coletores e caçadores de animais de médio e pequeno porte.

Assim sendo, o homem atual (*H. sapiens sapiens*) deve ter uma existência de pouco mais de 20 mil anos e pelo documentário paleontológico até o presente alocado, tudo leva a supor que o berço da humanidade foi a África onde surgiu o *H. erectus*. Porém, como especulam certos autores, este berço possui rodas, pois, não é improvável que, no futuro, novas investigações permitam encontrar formas ancestrais mais antigas que as achadas na África.

4. RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA

Os métodos de datação radiométricos calculam a idade geológica da terra em mais de 4,5 milhões de anos e possibilitam dividir o tempo geológico e correlacioná-lo com o aparecimento do homem, como pode ser observado no Quadro 01, na página seguinte.



QUADRO 01 - RETROSPECTIVA PALEONTOLÓGICA

ERA	PERÍODO (duração em milhões de anos)	ÉPOCA	ÉPOCAS CULTURAIS	HOMO
		Holoceno (10,000 anos ou recente)	Neolítico	Homo modernus
	QUATERNÁRIO (2,5)	PLEISTOCENO	Mesolítico Paleolit. Sup. Paleolit. Méd. Paleolit. Inf. Pré-paleolit.	Homo sapiens sapiens Homo sapiens Homo erectus Australopithecus
CENOZÓICA (63) "vida nova"	Terciário (60,5)	Plioceno (10,5) Mioceno (12) Oligoceno (11) Eoceno (22) Paleoceno (5)		Mesocenos Antropoides
MESOZÓICA (167) "vida média"	CRETÁCIO (72) JURÁSSICO (45) TRIÁSSICO (50)			
PALEOZÓICA (340) "vida antiga"	PERMIANO (50) CARBONIFERO (60) DEVONIANO (60) SILURIANO (30) ORDOVICIANO (70) CAMBRIANO (70)			
ERA PROTEROZÓICA (4 bilhões de anos)	PRÉCAMBRIANO			

Adaptação: MENDES (1977) e MARCONI & PRESOTTO (1966).

5. ESTÁGIOS CULTURAIS DA EVOLUÇÃO HUMANA

No Período Quaternário, a época Pleistocênica testemunhou a evolução física e cultural do homem (evolução bio-cultural da humanidade).

O desenvolvimento cultural pôde ser avaliado pela presença de utensílios (artefatos) manufaturados associados a numerosas evidências fósseis. As provas concretas da crescente complexidade cultural pertencem ao Paleolítico (Paleo, antiga; lítico, pedra), ao Mesolítico (meso, média; lítico, pedra) e ao Neolítico (Pedra Nova, Polida).

Estasidades culturais, tomando por base Marconi & Presotto (1985), podem ser caracterizadas, sumariamente, da seguinte forma:

- a) **Paleolítica.** (de 1 milhão a 150.000 anos). Divide-se em Inferior, Médio e Superior. O **Inferior** corresponde aos primeiros homídeos (*Australopithecus*, *Homo erectus*). Sua indústria lítica era bem rudimentar, predadores da natureza, coletavam vegetais e caçavam animais. O **Paleolítico Médio** (de 150.000 a 40.000 anos) corresponde à presença do *Homo sapiens* na Europa. Este homem vivia da coleta e da caça, porém, a sua tecnologia era bem mais aperfeiçoada (bifacial -pedra lascada dos dois lados), morava em cavernas, praticando o sepultamento de seus mortos. O **Paleolítico Superior** (40.000 a 12.000 anos) representa um salto de qualidade significativo no desenvolvimento cultural humano. O homem deste período é o *sapiens sapiens*. Seus instrumentos derivam de técnicas mais complexas (artefatos de sílex e de osso), surgem as primeiras manifestações artísticas (pintura rupestre, escultura e modelagem) e religiosas propriamente ditas.
- b) **Mesolítico:** (12.000 a 10.000 a). Período intermediário em que o homem se prepara para a passagem de predador a produtor de alimentos (Marconi & Presotto, 1985). Conheciam o arco e a flecha, o anzol, o arpão, a rede, a roda e a canoa. Em algumas regiões, o homem deste período construiu as palafitas (casas sobre estacas em cima de lagos).
- c) **Neolítico:** (10.000 a.C.). Esta época corresponde já ao Holoceno ou Recente, estende-se até a Proto-História Européia ou Idade dos Metais (+ 4.500 a.C.). Caracteriza-se por uma série de mudanças: fixação em algumas regiões favoráveis à produção de alimentos e domesticação de animais, o que facilitou a sedentarização e a formação de grandes aldeias. Inauguram-se novas técnicas de confecção dos instrumentos líticos através do polimento e da decoração. Neste período, há 7 ou 8 mil anos a.C., aparece a cerâmica.

O esquema tradicional de classificação dos estágios culturais da humanidade, acima sintetizado, baseia-se na matéria-prima empregada para a fabricação dos utensílios ou nas tradições técnicas, desde a perspectiva pré-histórica europeia.

Como oportunamente, levanta o arqueólogo francês Laming-Emperaire (1968), é absurdo, no atual nível de conhecimento, que a pré-história europeia continue sendo tomada como representante do conjunto mundial. Por estas razões, cabe registrar aqui a existência de esquemas mais completos, cujo ponto de referência específico são as copiosas informações etnográficas e arqueológicas obtidas dos primitivos povos da América.

Esquemas conceituais melhor formulados, na medida em que partem das especificidades americanas, aparecem em numerosos trabalhos modernos. Merece destaque aqui o esforço realizado pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, do qual falaremos mais adiante, ao abordar a problemática das civilizações americanas.

6. O HOMEM FÓSSIL AMERICANO

O consenso entre os estudiosos faz considerar como realmente improvável a possibilidade do homem ter-se originado na América. Os restos humanos mais antigos até o presente conhecidos, são referidos ao *Homo sapiens* (Mendes, 1977) e, datação pelo Carbono 14 revela que a presença do homem aqui é mais recente que noutros continentes. (Borges, 1968; Canals Frau, 1973, Mendes, 1977).

Os fósseis humanos achados não pertencem apenas ao tipo de homem "moderno". Existiram homens paleolíticos na América; este ponto existe acordo entre os autores. A pré-história paleolítica americana é ainda pouco conhecida. Mesmo sem ter, até o momento, provas conclusivas, considera-se que a antiguidade do homem americano é de cerca de 40 mil anos na América do Norte (Lewisville, Texas) e de 16 mil anos na América do Sul, em Muaco, Venezuela. (Ver mapa 02).

No Brasil, o sítio arqueológico mais antigo registrado (14 mil anos) era a jazida do município de Rio Claro, em São Paulo (Mendes, 1977). Nos primeiros anos da década atual, efetuou-se uma importante descoberta em São Raimundo Nonato, Piauí, que faria recuar esta data a 35 mil anos. Porém, em ambos os casos não foram encontradas ossadas humanas. Escavações mais recentes (1987), realizadas na Bahia pela equipe da arqueóloga Maria da Conceição Beltrão, embasam sua hipótese de que o homem habitou as Américas,

centenas de milhares de anos atrás, primeiro na região amazônica, para depois alcançar os Andes. Nas grutas dessa importante área arqueológica encontram-se vestígios de fauna extinta e de fogueiras. A arqueóloga mencionada espera descobrir, em pouco tempo, ossadas humanas que comprovem sua teoria de que o homem pré-histórico habitava a região há mais de 300 mil anos. (*Perspectiva Universitária*, 1987; *Ciência Hoje*, 1988).

Estas últimas descobertas renovam o interesse, inclusive a nível internacional, pela Pré-História Brasileira e abrem novas polêmicas em torno da antiguidade do homem fóssil americano.

Não obstante isso, os testemunhas fósseis do homem no Brasil, até o momento constatados, continuam sendo os vestígios do chamado Homem de Lagoa Santa (Minas Gerais) descobertos em 1840, por Peter G. Lund. Suas ossadas associadas a artefatos, datam aproximadamente 10 mil anos. Mendes (1977) e Marconi & Presotto (1985), assinalam que os esqueletos humanos pré-históricos do Brasil são todos pertencentes ao Holocênico ou Recente e procedem das grutas da região de Lagoa Santa ou dos "sambaquis" do litoral brasileiro.

A antiguidade maior é constituída pelos ocupantes do interior, já que os ocupantes mais antigos do litoral, representados pelo Sambaquí de São Paulo, possuem uma datação de 7.000 anos atrás e os restantes, até agora localizados, têm no máximo 5 mil anos. Apenas nos "Sambaquis" mais recentes — desta era — encontram-se artefatos de pedra polida além dos fabricados em osso e conchas. Enquanto que a cerâmica no Brasil é uma manifestação cultural bem mais recente.

7. A ORIGEM DO HOMEM E DAS CIVILIZAÇÕES AMERICANAS

Quais foram os primeiros habitantes da América? Teriam eles surgido e se desenvolvido neste chão? Ou, então, de onde eles vieram? Essas perguntas começaram a ser formuladas a partir da descoberta do continente americano e a discussão em torno das possíveis respostas, ainda continua.

As teorias a respeito, além de numerosas e antigas, são contraditórias. De fato, quando Colombo descobriu a América, ele e seus acompanhantes ficaram surpresos de que não existissem referências, na Bíblia ou em outros escritos, sobre a nova humanidade encontrada. Supuseram, erradamente, que fossem habitantes das Índias e os denominaram então de "índios". A expressão "índios" utilizada até o presente, como bem assinalou Ramos (1943, p. 27) ficou como "um símbolo de ignorância sobre a origem dos habitantes

do Novo Mundo”.

Piazza (1983) classifica as diversas hipóteses sobre a origem do homem americano em dois grandes grupos – 1) Teorias pré-científicas; 2) Teorias modernas.

1) Teorias pré-científicas – A literatura a cerca de teorias deste tipo é volumosa. Explicam o homem americano: a) como sendo habitante de lendários continentes desaparecidos (Atlântida, Lemúria, Antártida, etc); b) tomando por base os escritos bíblicos, como sendo descendente dos filhos e netos de Noé, ou das tribos de Israel. Estas Teorias, como o próprio nome indica, foram o produto de raciocínios sem base científica alguma. A título de exemplo, pode-se mencionar a grande lista de autores (P. Las Casas, P. Gregório Garcia, etc) que, estravagantemente, defenderam uma origem israelita para os habitantes americanos, somente pelo fato de não reconhecerem Jesus Cristo!

2. Teorias Modernas – Pertencem a este século, pois, as do século XIX, apesar de melhor concebidas, em decorrência da divulgação das teorias evolucionistas de Lamarck e Darwin, foram prejudicadas por preconceitos de origem religiosa ou filosófica. As teorias modernas debatem-se entre as hipóteses monogenistas (o homem teria se originado num só lugar), e as poligenistas (haveriam vários locais de hominização). Com relação à origem do homem americano, estas teorias, dividem-se em autóctones (nativos) e alóctones (alienígenas ou não-autóctones). Ambas subdividem-se em monogenistas ou poligenistas, quer dizer, tanto o autoctonismo como o aloctonismo podem admitir origem única ou origem múltipla.

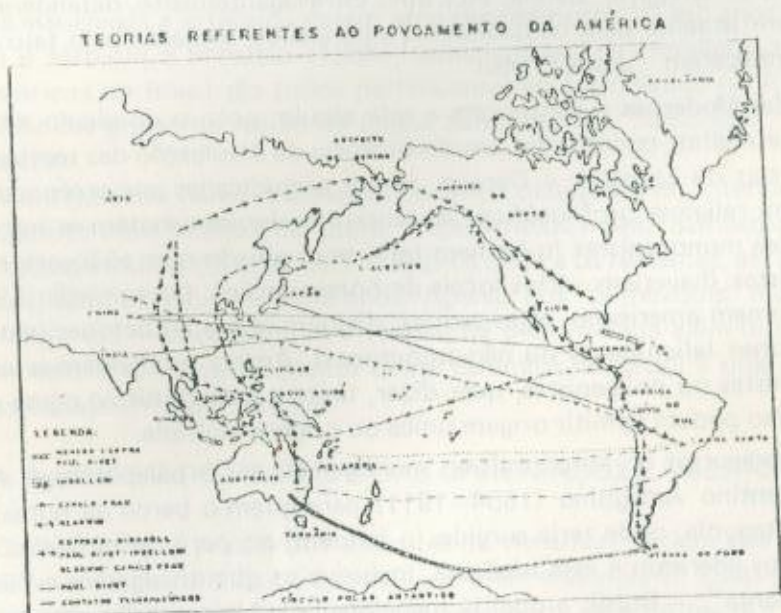
O precursor do autoctonismo monogenista foi o paleontólogo argentino Florentino Ameghino (1854–1911) para quem o berço da humanidade foi a Patagonia, onde teria surgido (o homem) no período terciário. Vários estudiosos aderiram a essa hipótese, inclusive os que divulgaram a “Raça da Lagoa Santa” – Brasil, a qual já mencionamos. Hoje em dia, esta tese está abandonada. (*Canals Frau, 1973; Mendes, 1977; Piazza, 1983*).

Atualmente, possuem bases científicas mais sólidas as teorias alóctones. Do grupo que sustenta o aloctonismo monogenista destaca-se Alex Hrdlicka (1869–1934) que afirmava que os americanos pertenceriam a uma única raça de origem mongólica que, vinda da Ásia Oriental teria ingressado no continente pelo estreito de Bering, quando este se encontrava seco.

Do grupo que defende o aloctonismo poligenista, sobressai Paul Rivet (1960) cujas teorias têm sido as mais aceitas do mundo científico. A partir dos numerosos paralelismos etnográficos, constatados, Rivet argumenta que

existiram quatro migrações para América, (como pode ser observado no mapa 01):

- 1º) Australiana através da Antártida e Terra de Fogo (Patagones);
- 2º) Malaio-polinésia através do Oceano Pacífico (originaram o homem da Lagoa Santa);
- 3º) Mongólica através do Estreito de Bering (originaram os tipos centro-americanos ando-peruanos);
- 4º) Esquimó, através do estreito de Bering, último grupo a povoar a América. (Canals Frau, 1973; Marconi & Presotto, 1985).



Mapa 01

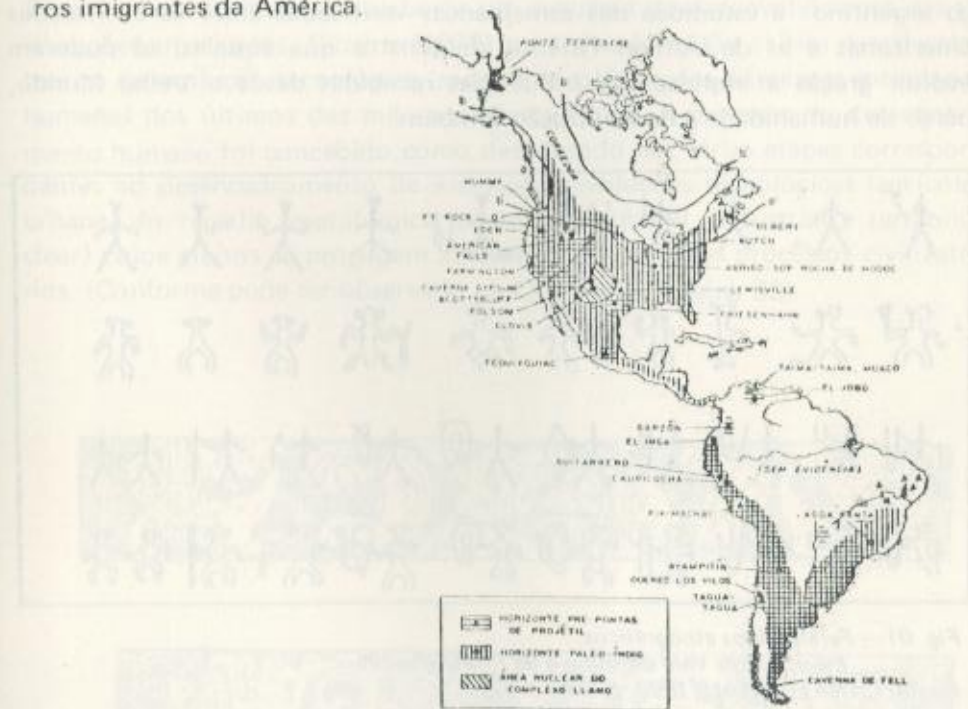
Fonte: PIAZZA, Walter (1983, p.43)

MAPA 01

Fonte: PIAZZA, Walter (1983, p. 43).

Estima-se hoje que os primeiros homens teriam chegado à América no final do Paleolítico Superior e que a fase de peregrinação e interiorização em direção ao Atlântico teria acontecido no início do Neolítico (Thomé, 1981).

Na pré-história do Novo Mundo, a arqueóloga americana Betty Meggers (1979) sustenta que podem ser visualizados dois horizontes; o horizonte Pré-Pontas de Projétil, representado pelos sítios arqueológicos que carecem de pontas de projétil, mas apresentam abundância de outros artefatos líticos mais toscos e o horizonte Paleo-índio (ver mapa 02). Este último horizonte de uma antigüidade menor que o primeiro (datado cerca de 10 mil anos atrás), corresponderia a grupos caçadores de grandes animais (cavalo, espécies extintas de visão, etc.) e, seus artefatos característicos são as pontas de projétil. Alguns autores consideram os paleo-índios como sendo os primeiros imigrantes da América.



MAPA 02

Fonte: Adaptado de MEGGERS, Betty (1979, p. 25).

* As descobertas realizadas nesta década no Nordeste brasileiro permitiram estender o horizonte paleo-índio até essa região que, no mapa apresentado pela Betty Meggers, aparece sem evidência e que agora foram localizadas através de dois projetos, o de Raimundo Nonato, no Piauí e o de Central na Bahia, que pleiteiam datas muito antigas de povoamento para o Nordeste brasileiro. (Ciência Hoje, Schmitz, 1988).

A controvérsia sobre o povoamento original da América ainda existe, porém, na atualidade, até a obtenção de provas arqueológicas inequívocas, continua fora de cogitação a possibilidade de que o homem americano seja autóctone. Este polêmico assunto liga-se intimamente com a questão da própria evolução das civilizações indígenas americanas. As opiniões a respeito também estão divididas. As numerosas e notáveis afinidades existentes entre as culturas do Velho e do Novo Mundo sugerem a quase certeza de que as primitivas formas culturais americanas, produziram-se por influências vindas, em épocas remotas, do Velho Mundo.

Na maioria das vezes, os paralelismos existentes são atribuídos a casualidades e mesmo a invenções independentes. Canals Frau, eminente etnólogo argentino e estudioso das semelhanças verificadas entre as civilizações americanas e as do Antigo Oriente, demonstra que aquelas, só puderam evoluir graças a impulsos ou influências recebidas desde o Velho Mundo, berço da humanidade e da civilização também.

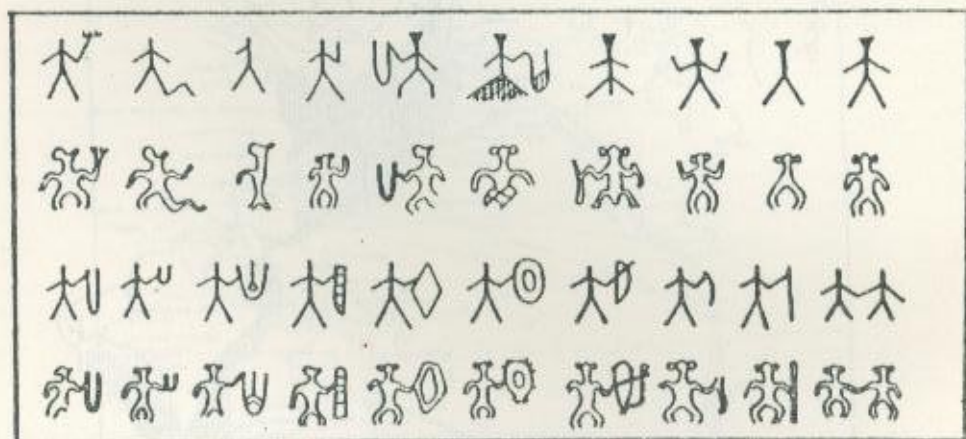


Fig. 01 - Paralelismos etnográficos:
Escritura do Vale do Índio e da Ilha de Páscoa
Fonte: CANALS FRAU, 1973, p. 74.

Os que costumam negar o valor destas similitudes, conclui Canals Frau (1973), revelam que o temor à distância atua no seu subconsciente. Sem pretender aprofundar a questão, é apropriado citar, que para esse autor, as primeiras civilizações indígenas americanas não surgiram por impulso próprio nem foram importadas como um todo do Velho Mundo. Sua formação, pelo menos a nível de área andina (desde o Norte do Chile até o México), seria

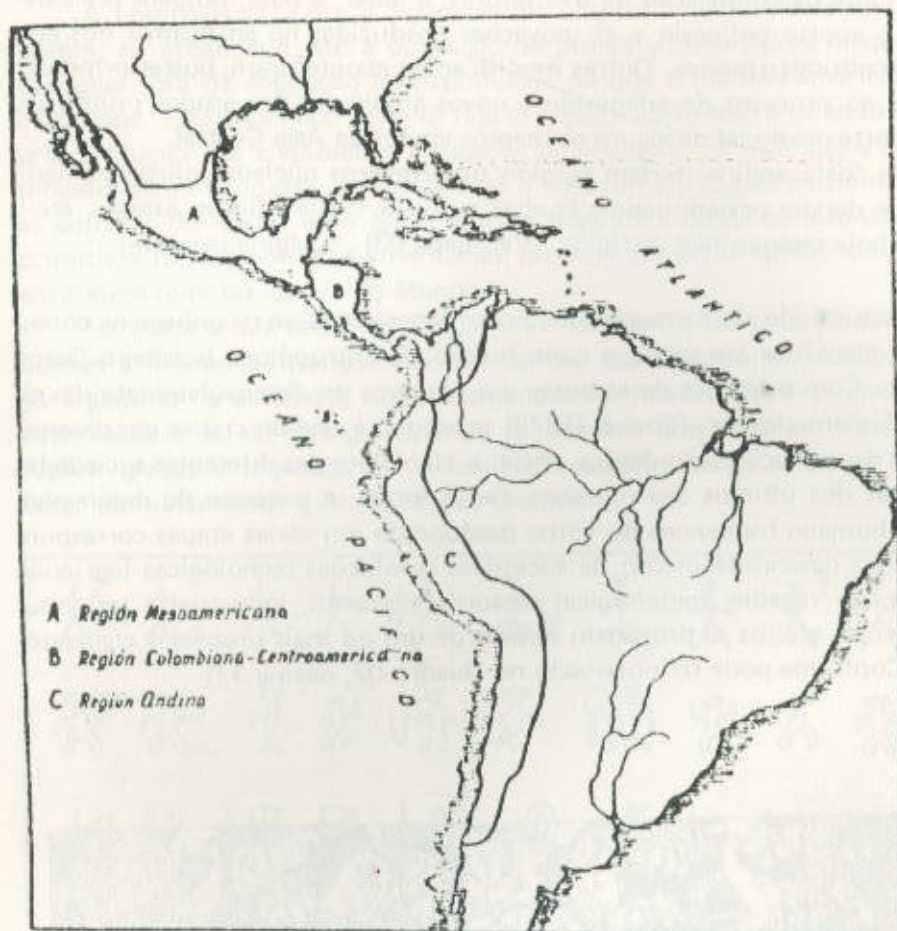
a resultante da conjugação de três fatores, a saber: a base indígena pré-existente, o aporte polinésio e as inovações produzidas no amalgamar dos elementos culturais díspares. Outras modificações aconteceram, posteriormente, devidas ao processo de adaptação a novos ambientes dos grupos primitivos e ao aporte ocasional de alguns elementos vindos da Ásia Central.

Na costa andina, teriam surgido os primeiros núcleos polinésio-americanos que dariam origem depois às altas culturas (maias, incas, astecas, etc.) de que hoje temos ainda vestígios. (Ver mapa 03) a página seguinte).

Para estudo da formação dos povos americanos, se reconhece na comunidade científica em geral, a contribuição do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro. Com o intuito de elaborar um esquema do desenvolvimento das civilizações americanas, Ribeiro (1979) procedeu à revisão crítica das diversas teorias da evolução tecnológica, social e ideológica das diferentes sociedades humanas dos últimos dez mil anos. Desta forma, o processo do desenvolvimento humano foi concebido como desdobrado em várias etapas correspondentes ao desencadeamento de sucessivas revoluções tecnológicas (agrícola, urbana, do regadio, metalúrgica, pastoril, mercantil, industrial e termonuclear) cujos efeitos se propagam através de um ou mais processos civilizatórios. (Conforme pode ser observado no Quadro 02, página 33)



*Fig. 02 – Paralelismos etnográficos
Estilização da flor de loto na Ié dia e na América (Chichén Itzá, Yucatán)
Fonte: CANALS FRAU, 1973, p. 55*



MAPA 03 – Área de dispersão das Civilizações Americanas.
 Fonte: CANALS FRAU (1973, p. 20).

- Nota: A— *Região Mesoamericana*: territórios dominados pelas altas culturas de México e América Central.
 B— *Região Colombiana—Centroamericana*: todos os territórios situados entre o limite meridional de Mesoamérica e o norte da região andina, povoadas por culturas médias.
 C— *Região Andina*: território da região dos Andes, onde se estabeleceu o Império Incaico.

O conjunto destas três regiões denominam-se de América Nuclear.

SEQUÊNCIAS EVOLUTIVAS EM DIVERSOS ESQUEMAS CONCEITUADOS

Quadro 02

K. MARX (1837)	L. H. MORGAN (1877)	F. ENGELS (1884)	Y. GORDON CHILDE (1937)	JULIAN STEWARD (1933)	D. RIBEIRO
COMUNISMO		COMUNISMO		(Império Económico-Político das Séculos XIX e XX)	SOCIEDADES FUTURAS
SOCIALISMO		SOCIALISMO		(Expansão Centro e Norte-Européia)	SOCIALISMO EVOLUTIVO
CAPITALISMO INDUSTRIAL		CAPITALISMO INDUSTRIAL		(Conquistas Espanholas)	REVOUCIONÁRIO
CAPITALISMO MERCANTIL		CAPITALISMO MERCANTIL		(FEUDALISMO)	NEOCOLONIALISMO
FEUDALISMO		FEUDALISMO		(GRECIA E ROMA)	CAPITALISMO MERCANTIL
FORMAÇÃO ASIÁTICA			IDADE DO FERRO	ESTADOS MILITARISTAS DE REGADIO	COLONIALISMO DE POVOAMENTO
FORMAÇÃO GERMANICA			IDADE DO BRONZE	Estados Teo- Estados Teo- críticos de Regadio críticos de Regadio	COLONIALISMO ESCRAVISTA
FORMAÇÃO ANTIGA CLASSICA	ESCRITA	ESCRITISMO	ALTA BARBARIE DO COBRE	FLORESCIMENTO REGIONAL	IMPERIOS DESPOTICOS SALVACIONISTAS
	FERRO		BARBARIE NEOLITICA	FORMATIVO	Imperios Feudais
	LAVOURA DOMESTICAÇÃO	BARBARIE	SELVAGERIA	AGRICULTURA INCIPIENTE	IMPERIOS MERCANTIS ESCRAVISTAS
COMUNIDADE GENTILICA	CERAMICA				IMPERIOS TEOCRATICOS DE REGADIO
	CAÇA	COMUNISMO PRIMITIVO			(PRIVATISTAS) RURAIS
	PESCA				(COLETIVISTAS) ARTESANAIS
	COLETA				ALDEIAS PASTORIS NÔMADES
COMUNIDADE PRIMITIVA					INDIFERENCIADAS
					HORDEAS PASTORIS NÔMADES
					TRIBOS DE CAÇADORES E COLETORES

Quadro 02 - Sequências Evolutivas em Diversos Esquemas Conceituais
 Fonte: RIBEIRO (1979, p. 49).

As revoluções tecnológicas são conceituadas como aquelas inovações prodigiosas no sistema produtivo (decorrente do aprimoramento das ações sobre a natureza e a utilização de novas fontes de energia), capazes de introduzir transformações radicais nas relações sociais e de transfigurar a própria condição humana. Assim, por exemplo, a Revolução Agrícola possibilitou um salto de qualidade, transformando o homem de mero apropriador da natureza num agente capaz de dominá-la, organizando a produção de alimentos o que, em última instância, pautou mudanças profundas, tanto na vida social e na organização política, como na própria visão do mundo. É dizer, as bases tecnológicas (ver caracterização das revoluções) possibilitaram o surgimento de novas formações sócio-culturais que se propagaram através de distintos processos civilizatórios, configurando assim as primeiras civilizações regionais.

Revoluções Tecnológicas - Caracterização

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA	REVOLUÇÃO URBANA	REVOLUÇÃO DO REGADIO	REVOLUÇÃO METALÚRGICA	REVOLUÇÃO PASTORIL
Lavoura Pastoreio Cestaria Tecelagem Cerâmica	Araúcos Veículos de Roda Tração Animal Regadio Tijolos Cobre — Bronze Edificações em Pedra Silos Veleiros	Comportas e Canais Adução Estradas Arado Porcelana Instr. Metálicos Pois, Prensa Cabrestantes Balança, Medros Arquit. Monumental Escritura Ideográfica Matemática Astronomia Calendários	Ferro Forjado Moeda Cunhada Mó Rotativa Noz, Guia Ferramentas e Armas de Ferro Aquadutos Moinhos Hidráulicos Alfabeto Notação Decimal Paróis Marítimos	Cavalaria Fretos Estridos Ferraduras Arnes de Sela Armes Rígido Aparelhos Hidráulicos Moinhos Eólicos Alambiques Alatonas
REVOLUÇÃO MERCANTIL	REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	REVOLUÇÃO TERMONUCLEAR		
Veleiros Oceânicos Bussola Apar. Óticos Leme Fixo Mapas Cronômetros Ferro Fundido Armas de Fogo Papel, Imprensa Máquinas Hidráulicas Tornos Talandros Trefilação Ligas Metálicas Biela Cardan	Aço — Coque Motores a Carvão, Hidrelétricos, Combustão Interna Borracha Máquinas Operatrizes Tornos Automáticos Ácido Sulfúrico, Soda Prensas Hidráulicas Turbinas, Dinamos Ind. Têxtil, Química, Metalúrgica Locomotivas Navios a Vapor Automóveis Aviões Submarinos Máq. Agrícolas Apar. Elétricos Refrigeração Telégrafo Telefone, Fonógrafo Radiodifusão Foto Cinema	Eletrônica Transistores Radar, Helicópteros Retropropulsão Reator Nuclear Bomba Atômica Bateria Solar Plásticos Computadores Automação Gravação Magnética Luz Coerente Projéteis Espaciais Radiotelescópio Sintéticos: Fertilizantes, Herbicidas, Germicidas Dessalinização da Água do Mar Gaseificação Subterrânea do Carvão		

Fonte: RIBEIRO (1979, p. 65)

Com a simples intenção de despertar a atenção pela interessante e abrangente abordagem proposta pelo Prof. Ribeiro, importa, aqui, levantar algumas conclusões acerca do estágio de evolução sócio-cultural dos primitivos povos latino-americanos em geral e, do Brasil em especial.

Antes da Revolução Agrícola, por longo tempo, os povos pré-agrícolas americanos viviam em pequenos bandos de coletores de raízes e frutos, de caçadores e pescadores; aprenderam a fabricar instrumentos de trabalho para defesa e ataque, sem ter líderes formais nem estabelecer diferenças sociais. Enquanto que muitos permaneceram nesta etapa, estima-se que em 2500 a.C. irrompe a Revolução Agrícola em algumas regiões de América, desencadeando o primeiro processo civilizatório que, rompendo com a condição de bandos de caçadores e coletores, dá lugar a uma nova formação sócio-cultural: as Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (sem estratificação em classes econômicas). Estas sociedades reproduziam seus modos de vida através de economias de subsistência, o que exige a estruturação em tribos pela necessidade de defesa grupal do território explorado (propriedade coletiva da terra indispensável à lavoura), define-se a divisão do trabalho, inicialmente a nível de sexo (tarefas femininas e masculinas) e, aparecem as primeiras diferenças sociais (chefes e sacerdotes).

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA	REVOLUÇÃO URBANA	REVOLUÇÃO DO REGADIO
Aldeias Agrícolas Indiferenciadas	Estados Rurais Artesanais	Impérios Teocráticos e Regadio.
Brasil - MARAJOARA (1000) - TUPINAMBÁ (1500)	Meso-América - UXMAL (-1000) - GALINAZO (-7000) Altiplano Andino - MOCHICA (-200) Colombia - CHIBCHA (1000)	MAIA (-300) AZTECA (1200) INCA (1300)

Quadro 03

Adaptado a partir de RIBEIRO (1979)

Algumas sociedades experimentaram consideráveis progressos (novas técnicas agrícolas, cerâmica, tecelagem, etc.) o que lhes permitiu acumular inovações tecnológicas que possibilitaram alcançar o nível de uma nova revolução: a URBANA.

Esta segunda revolução tecnológica ensejou o surgimento das primeiras cidades, da metalurgia do cobre e do bronze, do calendário e da arquitetura monumental, entre outros. Uma nova reordenação impor-se-á na esfera social com o aumento das populações e, conseqüentemente, a nível de esfera ideológica em dois processos civilizatórios: os Estados Rurais Artesanais de Modelo Coletivista e os de Modelo Primitivista. Na América, esta evolução processou-se lentamente e verificou-se somente em regiões restritas (Meso-América, Altiplano Andino e na Colômbia por volta do ano 1000 a.C.) enquanto que, uns povos permaneciam no estágio pré-agrícola e outros no agrícola incipiente.

A terceira e última revolução tecnológica, a de REGADIO, que será atingida pelos povos pré-colombianos, estrutura-se apenas com os Maias (300 a.C.) e finalmente com os Incas e Astecas, provendo as bases para o aparecimento das primeiras civilizações regionais com uma nova e complexa formação sócio-cultural: a dos Impérios Teocráticos de Regadio.

A nível de Brasil, encontramos à época da "descoberta" pelos europeus: povos de coletores e caçadores (Gês) e povos com uma formação sócio-econômica própria das Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (Tupi, Caribe e Aruak); dito de outra forma, povos no estágio pré-cerâmico e grupos de agricultura incipiente, ceramistas.

8. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ACERCA DA PRÉ-HISTÓRIA CATARINENSE

Apesar das poucas evidências arqueológicas alocadas por ora, e da necessidade de continuar aprofundando os estudos sistemáticos acerca da Pré-História Catarinense, podem ser definidas duas áreas arqueológicas no estado: o litoral e o planalto, que patenteiam estágios civilizatórios diversos. Ainda não se sabe se existiram pontos de contato entre ambas, já que a "Serra Geral" coloca-se como uma barreira montanhosa difícil de ser transposta até para o homem atual.

Os grupos humanos pré-históricos do litoral são os responsáveis pelos "Sambaquis" (montes de conchas) e os povoadores do interior, de ocupação mais antiga, seriam os responsáveis pelo fabrico de grande quantidade de artefatos líticos lascados, semipolidos e polidos.

O Prof. Piazza (1983) tenta demonstrar que o povoamento pré-histórico de Santa Catarina estruturou-se em torno das próprias peculiaridades eco-geográficas do estado. Assim:

— a geologia determinou a existência dos sítios-oficina, como decorrência

da abundância de matéria-prima para a confecção do instrumental pré-histórico (exemplo: os sítios do Município de Itapiranga no Sudoeste do estado).

- o litoral, pela fertilidade do solo e a abundância de alimentos, condicionou as concentrações humanas, o que explicaria o grande número de "sambaquis" ali encontrados.
- a hidrografia com seus "enlaces fluviais", teriam condicionado os processos migratórios.
- a altitude e as variações de temperatura teriam condicionado o estilo de vida de tal forma que, no planalto, acima dos 700 m de altitude, encontram-se com frequência os abrigos sob-rocha com inscrições rupestres; entre 500 a 700 m, localizam-se as casas subterrâneas ou "buracos de bueiro". Já os sítios cerâmicos são raros no planalto e se registram no alto dos morros, na faixa de 500 a 1000 metros onde o terreno favorece a sedentarização. A existência de abrigos sob-rocha no litoral e de casa subterrâneas em altitudes baixas em habitat diferente, pode demonstrar, apenas o "traço cultural persistente do grupo que a utilizava no planalto" (*ibidem*, p. 49).
- o meio ambiente, o contexto flora-fauna definiu os meios de subsistência. As lagoas e o mar do litoral deram origem a povos pescadores e coletores de molusco. Enquanto que no interior, a floresta subtropical do Vale do Uruguai e a flora de araucária, assim como a abundância de animais de porte médio (capivaras, antas, porcos do mato, etc.) e de peixes de água doce, favoreceram o surgimento de povos caçadores e coletores de pinhão.

A exemplo da divisão efetuada a nível de pré-história brasileira, a catarinense pode ser delimitada em dois grandes períodos culturais caracterizados a partir da tecnologia dominante: o Pré-Cerâmico e o Cerâmico. As inter-relações entre estes períodos não estão bem esclarecidos. Por esta circunstância tem validade, ainda hoje, a autorizada opinião do Prof. Beck (1970, p. 141) quando, se referindo à insuficiência dos dados sobre nossas populações pré-históricas, dizia que dá "a impressão de estarmos lidando com grupos humanos isolados, que não estariam relacionados com os grupos que os precederam e com aqueles que os seguiram".

Período Pré-Cerâmico: É o período mais antigo, o mais longo e o menos estudado. Teoricamente teria começado com a entrada do homem no atual território de Santa Catarina, no máximo dez mil anos atrás. Neste período encontra-se grande diversidade de tradições culturais, as principais seriam:

- **Alto Paranaense:** Cronologicamente é a mais antiga conhecida, inclusive a nível do Brasil. Teve uma grande área de dispersão, estendendo-se ao Rio Grande do Sul e à Argentina. Localizada sobretudo no Vale do Rio Uruguai, é encontrada no Oeste catarinense no município de Itapiranga e nos municípios vizinhos. É uma tradição lítica, constituída por instrumentos grandes, feitos de pedra lascada sobre basalto vermelho, conhecida também com o nome de "machado de mão". Outra matéria-prima importante foram os seixos rolados. Os instrumentos, na sua maioria, são grandes e pesados, como: machados, raspadores, facas, furadores e pontas em forma de folha que apresentam lascamento nas duas faces. Os grupos humanos (anteriores ao nosso índio) responsáveis por esta tradição, eram caçadores e coletores que viviam em grutas ou em sítios abertos à beira dos rios, conheciam o fogo e não possuíam escrita. "Seriam entroncados com a família do Homo Sapiens, de grupo mongolóide, que surgiu logo após do Homem de Neandenthal" (Thomé, 1981, p. 17). Não se conhece ainda qual foi a cultura mãe da altoparanaense. Alguns autores a vinculam com a área andina.
- **Tradições Pontas de Flecha:** Foram encontradas em todo o estado, porém, seus sítios são pouco numerosos e pertencem a mais de uma tradição. As pontas de flecha encontradas no litoral, por exemplo, possuem pedúnculos retos com bases entalhadas e as do interior, na área do Alto Vale do Itajaí, possuem pedúnculos expandidos com base côncava. Estas tradições não foram o suficientemente estudadas. (Beck, 1970).
- **Sambaquis:** Tradição típica do litoral brasileiro e catarinense. Sua datação pelo carbono 14, revela uma antigüidade menor que as outras duas tradições pré-cerâmicas. Estes importantes sítios arqueológicos foram construídos por povos pescadores e coletores de moluscos que, em número bastante significativo, a julgar pela quantidade de sítios descobertos, habitaram nosso litoral. Nestes casqueiros, além de conchas, encontram-se numerosos artefatos de pedra e de osso, restos osseos humanos e, nos mais recentes, utensílios cerâmicos. Nestes restos, de grande valor arqueológico, destacam-se as peças zoomorfas, os chamados zoólitos, esculturas em pedra polida, confeccionadas em diabásio na forma de peixes ou de aves. Estas peças também foram encontradas no meio oeste catarinense (Thomé, 1981) e a sua procedência ainda é motivo de especulação. Já em 1950 o Pe. Rohr levantava as diversas hipóteses ao seu respeito. Na época, este mesmo pesquisador, mencionava que alguns autores consideravam os zoólitos como produto dos antepassados do homem do "sambaqui". Antepassados es-

tes, que teriam vindo da zona andina expulsos por um poderoso invasor. Os zoólitos seriam de exclusivo uso cerimonial e remanescentes de uma cultura de grau mais elevado que, na sua peregrinação para o leste, degenerou-se. Rohr ponderava que outros autores preferiam opinar que os zoólitos teriam sido obtidos pela permuta de mercadorias com povos mais adiantados da área andina. Outro ponto controvertido é a origem das inscrições rupestres ou itacoatiaras que se encontram tanto no litoral como no interior. Estes petroglifos não foram decifrados nem se sabe ao certo se foram feitos por povos pré-cerâmicos ou por povos ceramistas; possivelmente sejam de origem Tupi-Guarani (carijó) os da Ilha de SC e os do planalto provenham dos povos do grupo Gê (Rohr, 1983).

Cronologicamente mais recentes, encontram-se, em certos pontos da costa, vestígios de grupos ceramistas superpostos aos "sambaquis".

Período Cerâmico: As principais características deste período são a utilização de uma tecnologia mais avançada na fabricação dos artefactos, a prática da agricultura e a invenção ou a introdução da Cerâmica.

A técnica da cerâmica consistia na modelagem de roletes de barro que, eram colocados uns sobre os outros e rejuntados, no formato da peça. O acabamento interno e externo era feito a mão, ou com seixos ou folhas de algumas plantas, às vezes, os recipientes eram decorados plasticamente sob a forma de pontos, traços ou, então, pintados. As peças sem decoração alguma são denominadas do tipo simples. Uma vez concluídas, eram colocadas a secar e depois eram queimadas em buracos feitos no chão ou em fornos. (Beck, 1970).

Este período é bem recente entre 800 e 1.700 desta era (ibidem). Encontram-se vestígios tanto no litoral como no planalto na forma de duas tradições: a guarani, de recipientes de tamanhos diversos com finalidade não apenas utilitária e diferentes tipos de decoração e a tradição não-guarani de recipientes pequenos e essencialmente utilitários.

Os povos do período ceramista corresponderiam já aos grupos indígenas encontrados à época da descoberta do Brasil.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, além de receber incursões de outros grupos tribais, nosso estado estava habitado por:

- **Tupi-Guarani**, chamados de "carijós" no litoral, onde predominavam. Os Tupi-Guarani eram sedentários, praticavam a agricultura e a pesca.

- **Gês** a cujo tronco linguístico pertencem os Xokleng e os Kaingang. Os primeiros eram nômades, ocupavam as florestas dos vales e dependiam da

pesca e da caça para sua sobrevivência o que os obrigava a fazer incursões, estendendo constantemente os limites de seu território. Encontram-se remanescentes destes indígenas na reserva de Ibirama. Os kaingang ocupavam o planalto, eram semi-nômades, praticavam uma agricultura rudimentar, completando sua alimentação com pinhão e a caça. Os sobreviventes destes indígenas encontram-se aldeados na reserva de Xaçecó, localizada no município de Xanxerê (SANTOS, 1973).

Assim, os povos coletores no estágio agrícola que se localizavam no litoral e nas margens dos grandes rios como o Uruguai e seus afluentes principais, pertenceriam à tradição tupi-guarani, ao passo que os núcleos menores encontrados mais no interior, corresponderiam à tradição não tupi-guarani ou Tapuias — Grupo Gê — (Piazza, 1979).

Os grupos humanos destas duas grandes tradições podem ser considerados como os representantes étnicos da proto-história catarinense.

QUADRO ARQUEOLÓGICO REGIONAL

Apesar da escassez dos dados arqueológicos disponíveis (uma vez que os mesmos, na sua grande maioria, provêm dos "sambaquis" do litoral, enquanto que, as grutas e abrigos sob rochas tem sido menos estudados), o Prof. Piazza e outros pesquisadores conseguiram estabelecer uma primeira seqüência arqueológica para o estado, dividida em fases pré-cerâmicas e fases ceramistas. Recomenda-se, para um estudo mais aprofundado, ver o resumo analítico elaborado pelo Prof. Walter Piazza (1983). Destacar-se-ão aqui, apenas as fases que se verificaram a nível de região.

FASES PRÉ-CERÂMICAS

Tamanduá: Situada no contexto cultural "alto-paranaense", ao longo do rio Uruguai. Denominados, na região, de "barreiros" (decomposição de basalto e areias produzidas pelas enchentes) sobre os quais se localizam sítios cerâmicos na tradição Tupi-Guarani ou não. Três sítios foram escavados ali: dois pelo Pe. Rohr e um pelo Prof. Piazza. É preciso desenvolver e aprofundar pesquisas para se obter mais dados a respeito e correlacioná-los com as outras culturas. Seus vestígios arqueológicos são artefatos de "arenito fritado" (diabásio vermelho endurecido), predominando os raspadores.

Suruvi: Parece preceder à tradição Tupi-Guarani ou ser contemporânea dela, no curso médio do rio Uruguai. Constituído por dois sítios-oficina. Antigüidade estimada: 500 a.C.

FASES CERÂMICAS

São identificadas como pertencentes a Tradições Regionais ou locais (Xaxim, Ibirama, Araquari e Pirai) ou, como pertencentes à Tradição Tupi-Guarani, de abrangência nacional, alinhada em três subtradições: a pintada (ainda não identificada), a corrugada (Mondaí, Itá, Jurerê, Irapocu e Guaiúba) e a escovada (Ipira).

Tradição Tupi-Guarani:

— Subtradição corrugada

Mondaí. Os sítios representativos desta fase localizam-se nas margens do rio Uruguai ou seus afluentes. São sítios-habitação e/ou sítios-cemitérios. Predominam as urnas funerárias com bordas de formas variadas, manufaturadas pelo método de "roletes" ou acordelados. Seu tipo simples denominou-se Mondaí simples e os cascos cerâmicos de oxidação incompleta e espessura maior a 2 mm, chamou-se Xapecó simples. A cerâmica decorada denominou-se Mondaí ou Xapecó corrugado, ungulado, digitungulado e pintado. Datação pelo Carbono 14, entre 1.460 ± 70 a.C. (Pesquisa Piazza).

Itá: Os sítios-habitação e sítios-cemitério desta fase, localizaram-se na foz do rio Irani ou nos trechos navegáveis dos principais afluentes do rio Uruguai e nas próprias margens deste rio.

O tipo simples da cerâmica desta fase foi denominada Itá simples e as decoradas: Itá e Uvá corrugado e escovado e Itá ungulado, inciso, nodulado e pintado. Os restos achados se apresentam em diversos tamanhos desde vasilhames em miniaturas até grandes urnas funerárias. Datação pelo Carbono 14: 1.360 ± 100 a.C. (Brian apud Piazza, 1983).

— Subtradição escovada

Ipira: Os dez sítios também estão localizados nas margens do rio Uruguai e na confluência com o rio Irani. A cerâmica desta fase são vasilhames utilitários e recipientes funerários. O tipo simples denominou-se Ipira simples e os decorados: Ipira ou Navegantes escovado, corrugado, raspado, pintado (e seus subtipos), Ipira ungulado, inciso e Navegantes vermelho. Esta fase, ainda não possui datação radiométrica.

CEOM - UNOESSO - CHAPECÓ
REGISTRO N. _____

9. AS CULTURAS PRÉ-HISTÓRICAS NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

A ocupação do oeste catarinense seria a mais antiga do estado. As pesquisas arqueológicas indicam que há 10.000 anos atrás as primeiras populações pré-históricas penetraram na região sul do país, pela Bacia do rio Paraná e seus afluentes, tendo atingido "o Estado de Santa Catarina após subir o rio Iguaçu e o rio Uruguai, espalhando-se pelo planalto, vindo depois a atingir a costa atlântica". Thomé, 1981, p. 14.

Segundo Goulart (1983, p. VI):

"A bacia hidrográfica do rio Uruguai constitui num dos mais importantes focos de penetração e movimentação de grupos humanos pré-históricos, apresentando remanescentes culturais do paleolítico (culturas anteriores ao holocênico) até o descobrimento do Brasil".

Os restos arqueológicos regionais, até o momento estudados, permitem caracterizar a existência de dois complexos culturais: o pré-cerâmico e o cerâmico.

Ao complexo pré-cerâmico pertenceriam a população portadora da chamada cultura Alto-Paranaense e outros grupos com tradição pontas de flecha. (Ver maiores detalhes, a respeito destas duas tradições, na pág. 38)

Em relação a este complexo, as últimas pesquisas realizadas pelo convênio UFSC/ELETROSUL permitiram confirmar a presença de duas tradições culturais, uma relacionada a grupos coletores-caçadores, portadores de uma indústria de blocos - a Alto-Paranaense - e, outra de caçadores especializados, com ponta de flecha.

Nas barrancas do rio Uruguai, na região de Itapiranga, encontram-se vestígios dessa cultura que os arqueólogos denominaram de Alto-paranaense. Como mencionou-se anteriormente, a datação destes restos acusa uma antiguidade de aproximadamente oito mil anos. Seriam estes os primeiros grupos de coletores-caçadores que se estabeleceram no Oeste do estado, (SCHMITZ, 1975).

Por volta de 4.500 a.C., esta cultura teria alcançado "... a foz e o baixo curso dos rios Antas (Mondaí) e Chapecó (São Carlos/Águas de Chapecó) e

chegam a ultrapassar a barra do Irani (Itá) rio acima". (D'Angeli, 1989,p.02).
Nessa mesma época, outros grupos de caçadores — com tradição pontas de flecha em pedra, distribuem-se pelas bordas da floresta, nos campos e na mata de Araucária. (Schmitz, 1975).

Segundo alguns autores, entre eles Menghin apud Schobinger, 1969, p. 186) "es muy posible que el altoparanaense represente el patrimonio arqueológico de los antepasados más antiguos de los Ge".

A respeito do complexo cerâmico, sabe-se que, já no segundo século de nossa era, os grupos de caçadores — coletores que habitavam a floresta subtropical, começam a praticar uma agricultura de tipo rudimentar associada à fabricação de cerâmica. Os restos cerâmicos mais antigos para a região, datam de 140 d.C. (SCHMITZ & BROCHADO, 1981).

A fase cerâmica compreende as tradições Taquara e Tupi-Guarani. A cerâmica Taquara é típica dos índios do planalto (Kaingang e Xokleng) é uma das mais antigas para o sul do Brasil. No oeste do estado tem sido encontrada junto a alguns afluentes do Rio Uruguai (ao passo que, a tradição Tupi-guarani tem sido encontrada, às margens do rio Uruguai). Por volta do século quinto, apesar dos evidentes contatos inter-étnicos, as antigas culturas de coletores — caçadores das florestas sub-tropicais e os grupos de caçadores da zona intermediária entre o campo e a floresta, apresentam hábitos ceramistas diferentes.

Sabe-se também que, provavelmente, a partir do século VIII de nossa era, começam a chegar os primeiros grupos tupi-guarani ou seus ancestrais, subindo o rio Uruguai e seus afluentes (*Idem, Ibidem*).

Ao tempo do Descobrimento, ocupam o nosso espaço regional os povos portadores destas duas tradições ceramistas, ou seus descendentes. Poucos duvidam hoje que os ancestrais dos índios, tenham sido aqueles grupos pré-históricos. Quando o homem "civilizado" chegou a estas paragens, muitas gerações tinham, pois, se estabelecido e deixado as marcas de sua cultura material, de sua luta pela sobrevivência.

Nossa época, com suas profundas e contraditórias transformações, abre, para o homem oestino atual, espaços novos que exigem, porém, o conhecimento do passado cultural. Para tal, a preservação dos vestígios arqueológicos da ocupação de grupos pré e proto-históricos, é de fundamental importância para a própria compreensão da nossa cultura regional.

* D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história dos Índios Kaingang, 1989. (Mimeo)

10. RELAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA REGIÃO

Relacionar-se-ão, a seguir, os principais sítios regionais mapeados pelas diversas, porém, não conclusivas, pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas duas décadas:

1) Município de Itapiranga

Os sítios deste município foram escavados em 1966 pelo Pe. Rohr, e a relação a seguir baseia-se em publicações de 1983.

ITAPIRANGA 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Localiza-se na Sede Capela, em terrenos do Colégio Agrícola. Numa área de 1.500 m² "encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal e cerâmica de tradição guarani, dos tipos lisa, corrugada, unguada, pintada..." (Rohr, 1983, p. 153).

ITAPIRANGA 2. Sítio Cerâmico Guarani

Localizado em terrenos do Colégio Agrícola na encosta do morro a 100 metros do Rio Uruguai numa área de 600 m², encontram-se vestígios similares aos do sítio anterior.

ITAPIRANGA 3. Sítio Cerâmico Guarani.

Também localizado em terrenos do Colégio Agrícola, encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive uma urna funerária.

ITAPIRANGA 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Nas margens do Rio Uruguai, em terrenos de Ervino Spies, sobre área de 20.000 m², encontram-se cacos de cerâmica guarani, inclusive 2 urnas contendo esqueletos. A quatro metros de profundidade, acham-se raspadores e facas cortantes de diabásio.

ITAPIRANGA 5. Sítio Cerâmico Guarani

Na desembocadura do Ribeirão Terezinha no Rio Uruguai, em terrenos de Afonso Spies, encontraram-se numerosos cacos de cerâmica.

ITAPIRANGA 6. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao rio Uruguai, em terrenos de Silvério Barian e Alfredo Schorr. A cerâmica de tradição guarani e lascas de ágata e quartzito aprofunda até 2 metros. A oito metros de profundidade, "encontram-se artefatos de fogueiras da cultura alto-paranaense, que foi datada, até sete metros e trinta centímetros pelo Carbono 14, em oito mil, seiscentos e quarenta anos de idade" (Rohr, 1983, p. 154).

ITAPIRANGA 7. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos de Wilibaldo Stulp e Inácio Welter. É um sítio extenso: 40.000 m² e rico em material arqueológico cerâmico e pré-cerâmico.

ITAPIRANGA 8. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Linha Baú em terrenos de Walter Buss. O dono encontrou uma funerária com esqueleto de criança com bracelete de pedras perfuradas e numa vasilha menor, um machado semilunar polido. Este tipo de machado parece não pertencer à cultura Guarani, é raro no nosso estado. (Ver figura 02).

ITAPIRANGA 9. Sítio Cerâmico Guarani

No Arroio Baú, na Linha Baú em terrenos de Edgar Pauls, encontraram-se ossos trabalhados e cerâmica. O dono informou que foram quebrados mais de trinta urnas funerárias no transcorrer dos anos.

ITAPIRANGA 10. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Baú, encostado na desembocadura do Rio Macaco Branco, no rio Uruguai, em terrenos do Ministério da Agricultura. Área de 75.000 m², manchas escuras no solo com carvão vegetal e cerâmica.

ITAPIRANGA 11. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Santa Terezinha, em terrenos de Waldemar Fuchs.

ITAPIRANGA 12. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Baú, em terrenos de Lauro Giehl e Germano Rabuske.

ITAPIRANGA 13. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Laranjeiras, junto a um arroio, em terrenos de Agostinho Selm. O dono informou que durante vinte anos de lavoura o arado quebrou inúmeras urnas funerárias.

ITAPIRANGA 14. Sítio Cerâmico Guarani.

Próximo ao Arroio Laranjeiras, em terrenos de Augusto Simon. Além de cerâmica foi encontrado machado de diabásio polido.

ITAPIRANGA 15. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

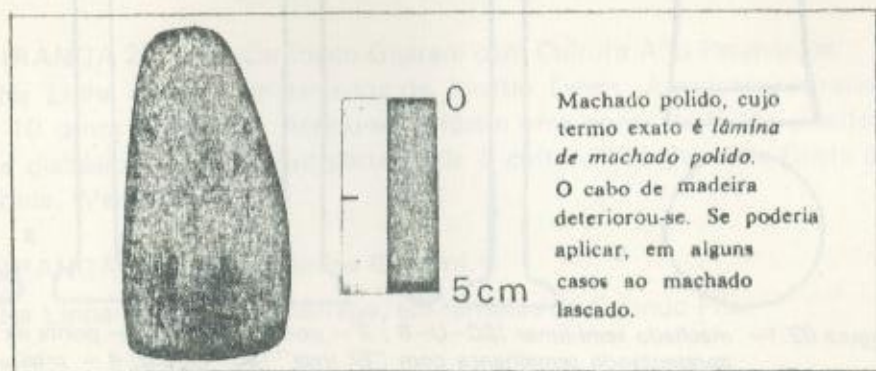
Na Linha Santa Fé em terrenos de Vítor Reis. Na barreira da Olaria encontram-se farto material lítico muito cortante da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 16. Sítio Cerâmico Guarani com cultura Alto-Paranaense.

No Arroio Dourado, em terrenos de Libório Burth: sítio sem prospecção exaustiva.

ITAPIRANGA 17. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de Bruno Berwanger a 1 Km do Rio Uruguai. Foi escavada grande urna funerária que está exposta no Museu do Homem do Sambaqui (Florianópolis).



Fonte: RIBEIRO (1977, p. 41)

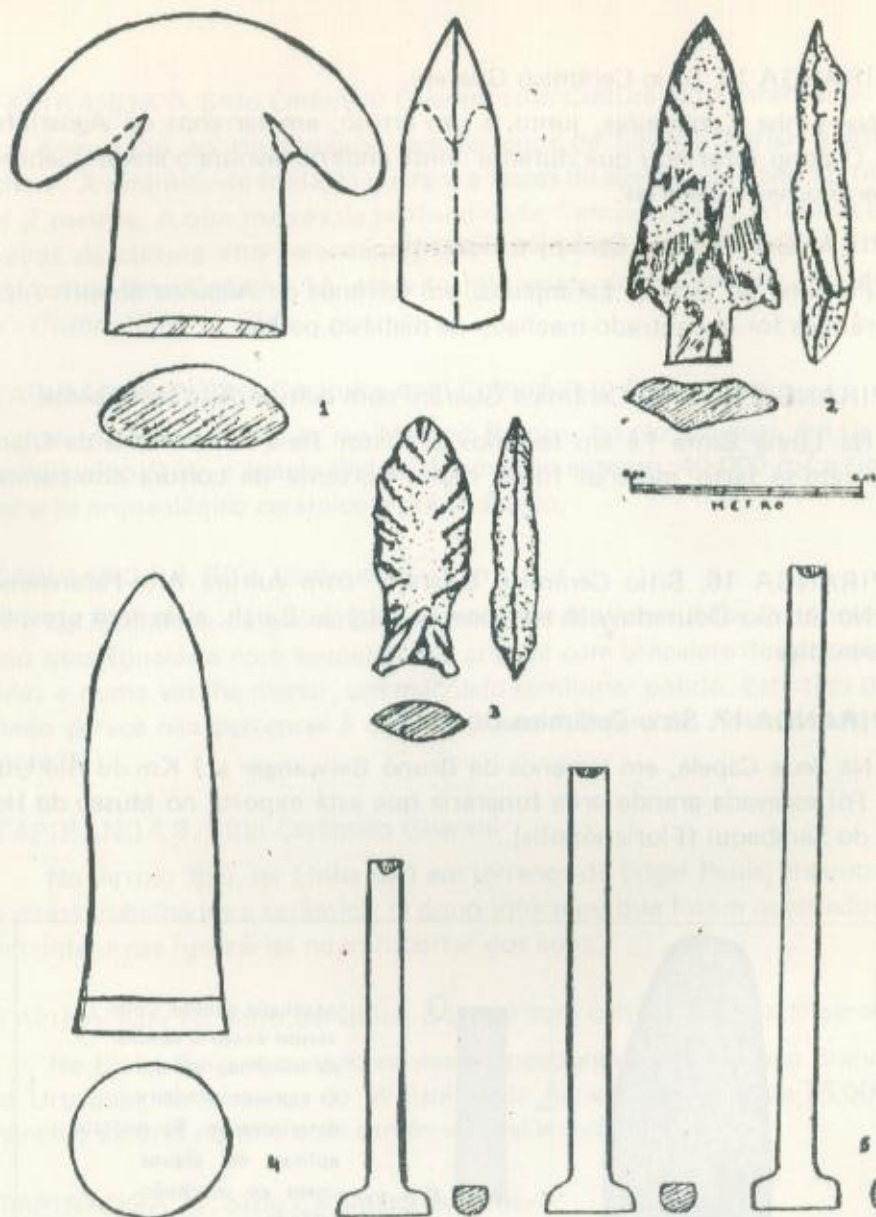


Figura 02:1— machado semi-lunar (SC-U-8 ; 2 — ponta de flecha; 3— ponta de flecha, apresentando semelhança com "El Inga" (SC-U-23); 4 — piteira ou cachimbo de barro cozido; 5 — tembetás (SC-U-45).

Fonte PESQUISAS (1966, p. 56).

ITAPIRANGA 18. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Arroio Fortaleza, em terrenos de Bruno Berwanger. Não se fez prospecção exaustiva. O dono retirou urna funerária.

ITAPIRANGA 19. Sítio Cerâmico de Tradição Guarani

Na desembocadura de um córrego dos terrenos de Clemente Schonnalls na sede Capela. Além de urnas funerárias, o dono encontrou uma espingarda antiga, da época da invasão dos bandeirantes paulistas às missões jesuíticas.

ITAPIRANGA 20. Sítio Oficina de Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Jaboticabeira, em terrenos de Wunibaldo Kozler, pedra de diabásio vermelho que foi oficina lítica da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 21. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Fortaleza (Sede Capela) em terrenos da viúva Ulrich Neffe foram desenterradas 10 urnas funerárias. Até 1966, a área não tinha sido lavrada, apenas ajardinada, por isso, o Pe. Rohr admitia que deveria haver mais urnas funerárias enterradas.

ITAPIRANGA 22. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu em terrenos da viúva Jacó Barth acharam-se machados polidos, contas de colar e cacos cerâmicos da tradição guarani associados com machados bumerangóides e lascas da cultura alto-paranaense.

ITAPIRANGA 23. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu em terrenos de Aloísio Deves. Amadores retiraram umas 10 urnas funerárias. Achou-se também uma ponta de flecha pisciforme de diabásio vermelho que pertenceria à cultura "El Inga" da Gruta da Patagonia. (Ver figura 03).

ITAPIRANGA 24. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu num córrego, em terrenos de Orlando Pila.

ITAPIRANGA 25. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Vitória, na Linha Chapéu, em terrenos

de Breno Barth. Foram encontrados, pelo oleiro, "grande número de artefatos cortantes de diabásio, os quais, por serem muito cortantes e uma ameaça para os pés dos transeuntes, foram jogados no Rio Uruguai" (Rohr, 1983, p. 159).

ITAPIRANGA 26. Sítio Cerâmico Guarani.

No Arroio Vitória, em terrenos de Albano Hahn, apareceram urnas e grande quantidade de cacos.

ITAPIRANGA 27. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu em terrenos de Aloisio Deves, sítio de pequenas dimensões.

ITAPIRANGA 28. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios de Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede da Capela em terrenos de Angelo Dellagostinho encontram-se cacos de cerâmica Guarani associados a alguns artefatos alto-paranaense.

ITAPIRANGA 29. Sítio Cerâmico Guarani com vestígios de Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Aloisio Schafer.

ITAPIRANGA 30. Sítio Cerâmico Guarani.

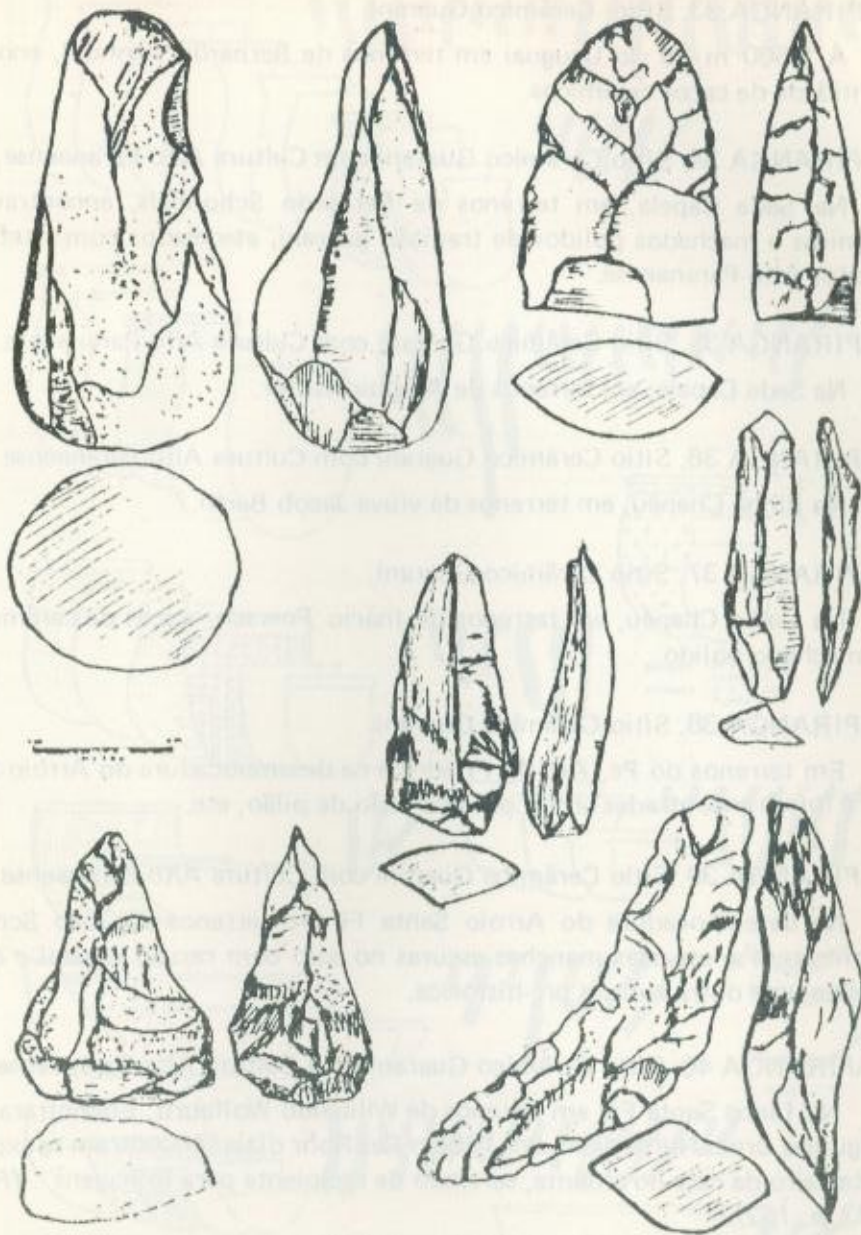
Também em terrenos de Aloisio Schafer, acham-se espersos cacos de cerâmica e lascas cortantes de ágata.

ITAPIRANGA 31. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Sede Capela, em terrenos de José Telavid.

ITAPIRANGA 32. Sítio Cerâmico Guarani.

A 500 m do Rio Uruguai, na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Arnhold, cacos de cerâmica afloravam na superfície.



CULTURA ALTO-PARANAENSE

Figura 03: Implementos de tipo Alto-Paranaense
 Fonte: PESQUISAS (1966, p. 57).

ITAPIRANGA 33. Sítio Cerâmico Guarani.

A 1.500 m do rio Uruguai em terrenos de Bernardo Arnhold, enorme quantidade de cacos cerâmicos.

ITAPIRANGA 34. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Bernardo Schonhals, encontram-se cerâmicas e machados polidos de tradição guarani, associados com artefatos lascados Alto-Paranaense.

ITAPIRANGA 35. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Sede Capela, em terrenos de Atalibio Ritter.

ITAPIRANGA 36. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Chapéu, em terrenos da viúva Jacob Barth.

ITAPIRANGA 37. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Chapéu, em terrenos de Inácio Poersch, cacos de cerâmica e um machado polido.

ITAPIRANGA 38. Sítio Cerâmico Guarani.

Em terrenos do Pe. Adolfo Friedrich na desembocadura do Arroio Santa Fé foram encontradas urnas, polidos, mão de pilão, etc.

ITAPIRANGA 39. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na desembocadura do Arroio Santa Fé em terrenos de João Scmitz, encontraram-se esparsas manchas escuras no solo com carvão vegetal e artefatos de uma outra cultura pré-histórica.

ITAPIRANGA 40. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé, em terrenos de Wilibaldo Wolfabrit. Encontraram-se e algumas urnas. Numas delas, em 1966, o Pe. Rohr dizia 'encontram-se exposta no terreiro da casa do sitiante, servindo de recipiente para folhagens'. (Rohr, 1983 p. 162).

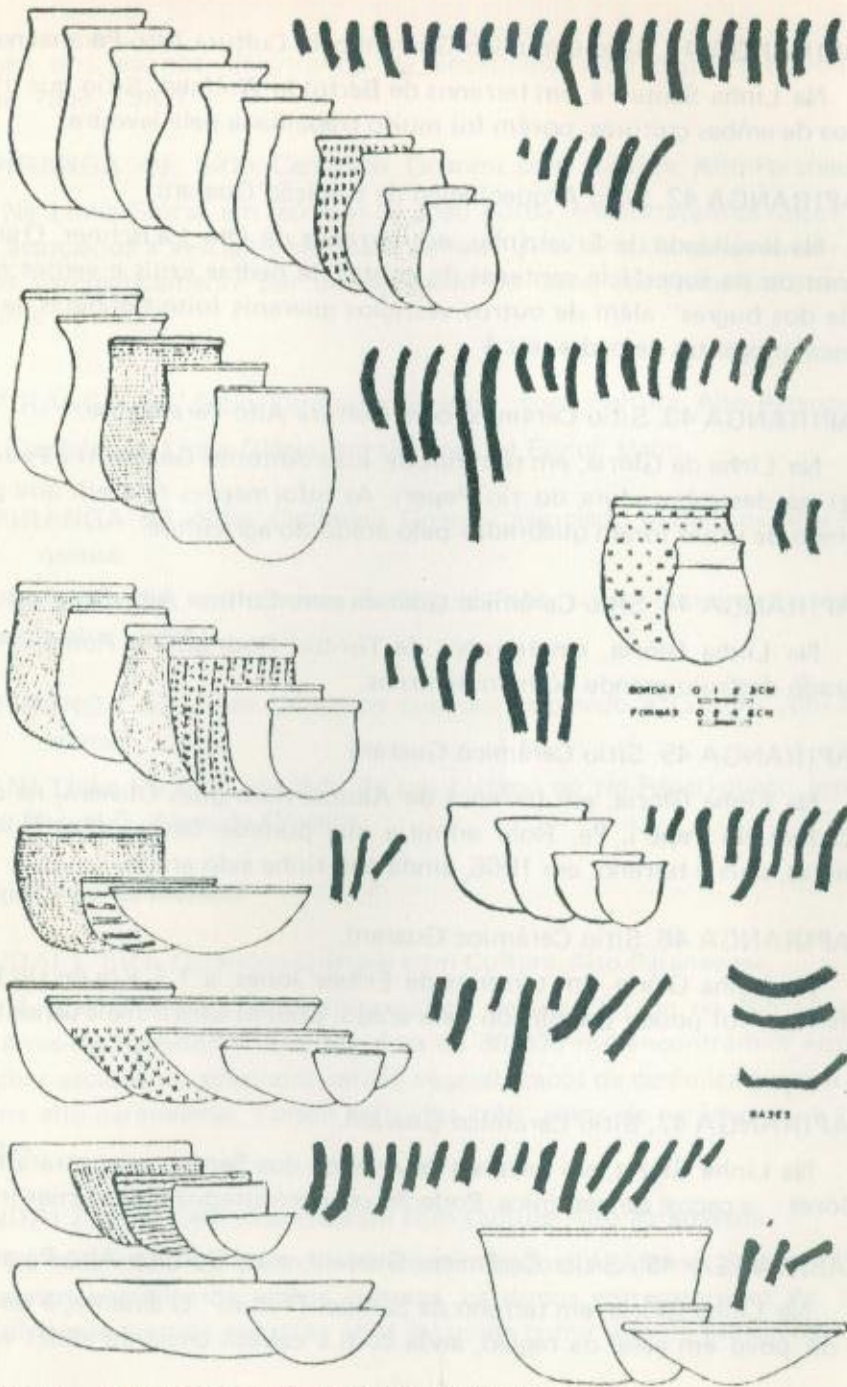


Figura 04 – Modelos de formas da cerâmica da fase Itapiranga
 Fonte: PESQUISAS (1985, p. 121)

ITAPIRANGA 41. Sítio Cerâmico-Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Santa Fé, em terrenos de Bertoldo Wolfalvt. Sítio que oferece restos de ambas culturas, porém foi muito trabalhada pela lavoura.

ITAPIRANGA 42. Sítio Arqueológico de tradição Guarani.

Na localidade de Eralzinho, em terrenos de Oto Lauschner. O sitiante encontrou na superfície centenas de contas de pedras azuis e verdes na "estrada dos bugres" além de outros vestígios guaranis (oito tembetás de pedra branca, pingentes de pedra, etc.)

ITAPIRANGA 43. Sítio Cerâmico com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha da Glória, em terrenos de João Antonio Guarienti e Pedro Tomazi na desembocadura do rio Peperi. As informações referem que grande número de urnas foram quebradas pelo arado do agricultor.

ITAPIRANGA 44. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Glória, em terrenos de Toribio Rodrigues e Romeu Franke. O arado destruiu grande número de urnas.

ITAPIRANGA 45. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Glória, em terrenos de Albino Rodrigues Oliveira, na desembocadura do Peperi. Pe. Rohr admitia que pudesse haver urnas funerárias intactas, pois o terreno, em 1966, ainda não tinha sido arado.

ITAPIRANGA 46. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Glória, em terrenos de Eribes Jones, a 1,5 Km do rio Peperi. O terreno foi pouco trabalhado pelo arado, podem existir mais urnas funerárias.

ITAPIRANGA 47. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Glória, em terrenos de Avelino dos Santos, encontraram-se aliadores e cacos de cerâmica. Poderão ser encontrados ainda urnas intactas.

ITAPIRANGA 48. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Glória, em terreno de Samuel Freitas. "O sitiante, à semelhança do povo em geral da região, anda com a cabeça cheia de idéias vagas de

tesouro dos jesuítas, decorrentes da proximidade da região missioneira". (Rohr, 1966; 1983).

ITAPIRANGA 49. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Glória, em terrenos de João Borba, encontraram-se restos guaranis associados a vestígios alto-paranaenses. Uma série de urnas foram quebradas sistematicamente por um agregado do dono das terras em busca de tesouros.

ITAPIRANGA 50. Sítio Cerâmico Guarani, com Cultura Alto-Paranaense.

Também na Linha Glória, em terrenos de Ervino Hahn.

ITAPIRANGA 51. Sítio Cerâmico Guarani associado à Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Baú, em terrenos de Miguel Faht, sítio rico e pouco destruído pelo trator (1966).

ITAPIRANGA 52. Sítio Cerâmico Guarani associado à Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Pacífico, do lado de um córrego no rio Peperi-guaçu, em terras de Miguel G. Alves de Oliveira.

2) Município de Mondaí

MONDAÍ 1. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na Linha Ervas, na desembocadura de um córrego no Rio Uruguai, em terras de Reinaldo Krein. Em área de 30.000 m² encontram-se esparsas manchas escuras no solo, com carvão vegetal, cacos de cerâmica guarani e artefatos alto-paranaense. Foram retirados três vasos de cerâmica, um tinha ossadas.

MONDAÍ 2. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Na localidade de Castros, em terras de José e Afonso Gabriel. Entre numerosos vestígios de ambas culturas, os donos entregaram ao Pe. Rohr uma urna que durante quarenta anos foi usada como vaso de folhagens.

3) Município de Caxambú do Sul.

Os três sítios a seguir relacionados, foram pesquisados pelo Pe. Rohr, em 1968 e publicados em 1983.

CAXAMBÚ DO SUL 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, sobre o Rio Uruguai, em terras de Renato de Oliveira Ramos. Foram encontrados cacos de cerâmica, dois tametás e o sitiante quebrou cinco urnas com o arado.

CAXAMBÚ DO SUL 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, encostado no rio Uruguai em terrenos de Osvaldo Stobi. Além de pontas de flecha, a numerosos cacos, o dono relata ter quebrado com o arado mais de uma dúzia de urnas, servindo como vasos de folhagens" ... (Rohr, 1983, p. 166).

CAXAMBÚ DO SUL 3. Sítio de Sinalização Rupestres.

Na localidade de Volta Grande, a 2 Km do rio Uruguai, em terras de Waldemar Marafon. Num lajeado de diabásio de 10 m² veem-se inscrições rupestres na forma de desenhos de mãos, pés e animais estilizados. "Caçadores de tesouro dinamitaram a rocha, abrindo um poço de dez metros de profundidade". (Rohr, 1983, p. 166).

CAXAMBÚ DO SUL 4. Sítio Cerâmico Guarani.

Na localidade de Volta Grande, nas terras de Floriano Fistarol onde os garimpeiros José Hauser, Horli Hauser e Brígido Hanhes escavaram "durante 90 dias em busca de uma estátua, cheia de barras de ouro, cravejada de diamantes" de posse de um mapa "do tesouro" que, segundo alegaram, teria pertencido a Antonio Polio, que o recebeu por herança dos padres jesuítas.*

4) Município de Águas de Chapecó.

Também pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr e publicado em 1983.

* Reportagem de Alcebíades Santos. À procura do tesouro perdido no Oeste de SC. Diário Catarinense, Florianópolis, 20 de dezembro de 1987, p. 12.

ÁGUAS DE CHAPECÓ 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Na Linha Lampari, encostado ao Rio Chapecó, em terras de Virgílio Carboni, encontraram-se manchas pretas com carvão vegetal, restos cerâmicos e dentro de urnas funerárias foram achadas três pingentes de zoolito branco.

5) Município de São Carlos

Pesquisado em 1968 pelo Pe. Rohr, publicação de 1983.

SÃO CARLOS 1. Sítio Cerâmico Guarani.

Encostado ao rio Chapecó, em terras de Balduino Schmitz. Além de carvão vegetal, conchas fluviais, cacos de cerâmica e flechas de sílex, encontraram-se 3 (três) urnas com restos ósseos humanos.

SÃO CARLOS 2. Sítio Cerâmico Guarani.

Na desembocadura do Rio Chapecó no Rio Uruguai em terrenos de José Serafim Margen. "O sitiante, ao lavar a terra, destruiu grande número de urnas funerárias, sem se preocupar em recolher as mesmas" Rohr, 1968: 1983 p. 167).

SÃO CARLOS 3. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao Rio Uruguai, em terrenos de Angelo Piccinini encontraram-se cacos, vasilhas, urnas de cerâmica Guarani e a 5 m de profundidade, restos líticos alto-paranaense.

SÃO CARLOS 4. Sítio Cerâmico Guarani com Cultura Alto-Paranaense.

Encostado ao rio Uruguai, em terrenos de Rich Lüdgar Schauer mann, encontram-se cerâmica guarani e instrumentos da cultura alto-paranaense. O dono encontrou uma urna com caveira humana.

6) Município de Chapecó

As notícias de onze sítios localizados no município de Chapecó foram extraídas do relatório intitulado "Projeto Arqueológicos no município de Chapecó" (1983), realizado pela equipe da Prof. Marilandi Goulart da UFSC, em 1980, em convênio com a ELETROSUL e a própria Prefeitura de Chapecó

Sete dos sítios identificados, localizam-se ao longo do rio Uruguai — Área 1 e quatro na área 2., estando três situados próximos ao rio Chapecó. Os do rio Uruguai receberam a sigla UU e os do rio Chapecó CH.

Estes sítios apresentam grande número de material cerâmico da tradição Tupi-Guarani.

Área 1 — Rio Uruguai

SC — UU — 01 — CLUBE REFÚGIO CAMPESTRE

Na Linha Cerne, na barranca do rio Uruguai a 200 metros da escola local e próxima à desembocadura de uma sanga.

Ocupa área pequena de 50 m X 50 m, na superfície encontrou-se grande quantidade de cacos cerâmicos e material lítico.

SC — UU — 02 — NÉLCIO DEL PIZZA

No Porto Chalana, a poucos metros do rio Uruguai. O sítio encontrava-se coberto por roça de milho com inço e os restos estavam na superfície.

SC — UU — 05 — ABÍLIO DAL PIVO

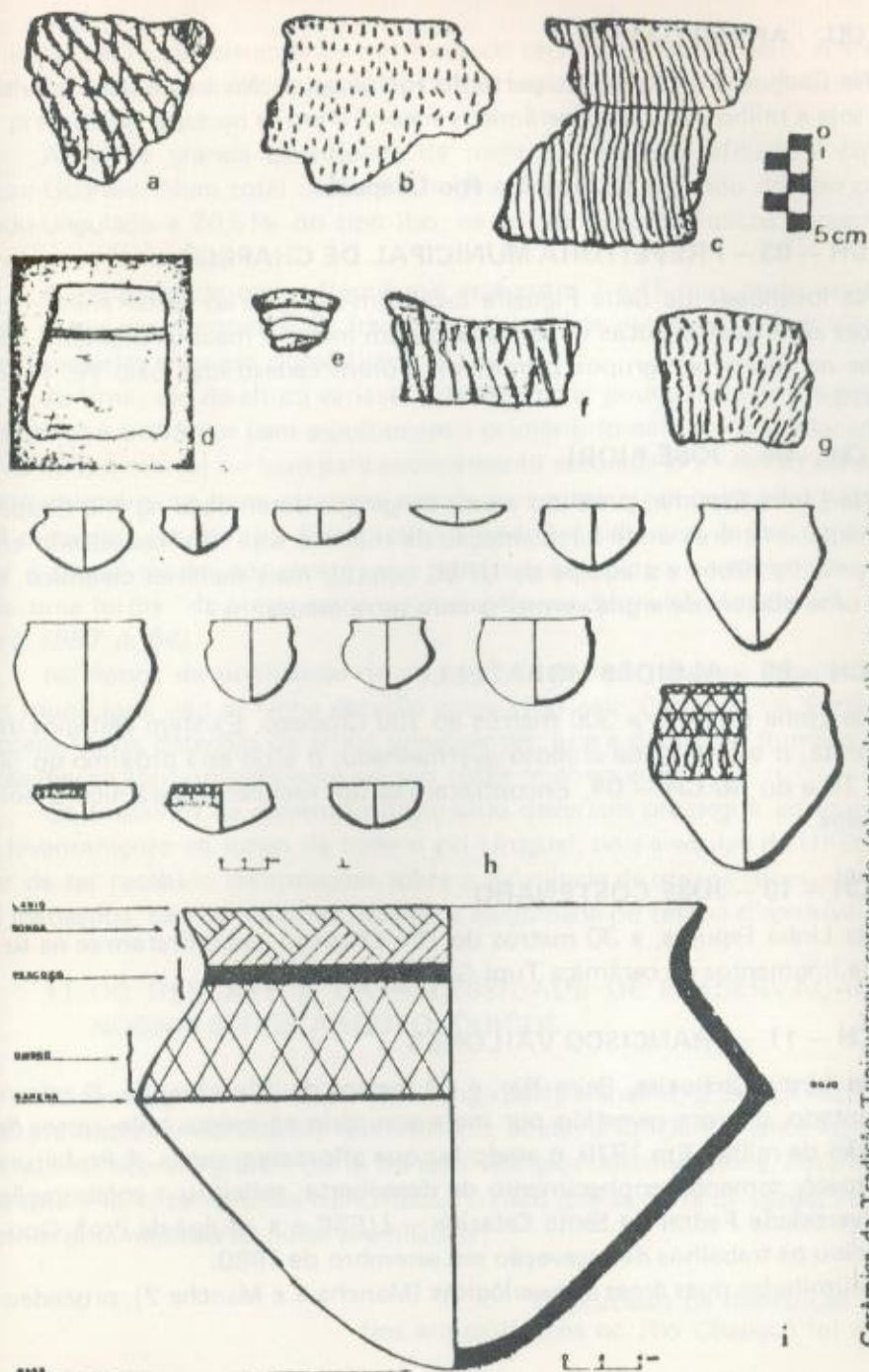
No Porto Chalana, a 200 metros de uma sanga e a 10 metros de uma lagoa. Sobre a mancha preta, o dono encontrou uma mão de pilão e a 200 metros, uma boleadeira: foram doadas à equipe da UFSC.

SC — UU — 06 — FRANCISCO VAILONES

Localizada em Cachoeira — Beira Rio, a 120 metros do Rio Uruguai. O sítio foi bastante destruído pela lavoura de milho. Apresenta cacos cerâmicos da tradição Tupi-Guarani.

SC — UU — 07 — SEBASTIÃO BONNES

Na Cachoeira — Beira Rio numa área de 2.000 m² a 150 metros do Rio Uruguai. O sítio foi localizado quando estava sendo feito um campo de futebol, quando a equipe chegou só haviam cacos de cerâmicas. No local cultivava-se também milho, feijão e soja.



Cerâmica da Tradição Tupiguarani: corrugado (a); unglado (b); escovado (c); pintado (d); roletado (e); acanalado (f); corrugado-ungulado (g); forma de cerâmica (h); partes principais de um vasilhame (i).

Figura 05: Cerâmica da Tradição Tupi-Guarani
 Fonte: RIBEIRO (1977, p. 47)

SC – UU – ARAMI DANIELI

Na Cachoeira – Beira Rio perto do Rio Uruguai. Na área é feito o cultivo de soja e milho e os restos cerâmicos encontraram-se na superfície.

Área 2 – Rio Chapecó

SC – CH – 03 – PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Na localidade de Sede Figueira localizam-se galerias subterrâneas cilíndricas com quatro bocas de entrada, de um metro e meio de diâmetro, escavadas na rocha por grupos primitivos. Foram cadastradas pelo Pe. Rohr em 1979.

SC – CH – 04 – JOSÉ FIORI

Na Linha Espuma, próximo a uma sanga que desemboca no Rio Chapecó. Ocupa uma área onde há plantação de milho e soja. Foi cadastrado em 1978 pelo Pe. Rohr e a equipe da UFSC coletou mais material cerâmico. O solo é uma mistura de argila vermelha com terra escura.

SC – CH – 09 – ALCIDES MORATELLI

Na Linha Espuma, a 300 metros do Rio Chapecó. Existem vestígios de terra preta, o solo é areno-argiloso avermelhado: o sítio está próximo do SC CH – 10 e do SC CH – 04. Encontraram-se um recipiente cerâmico e dois machados.

SC – CH – 10 – JOSÉ COSTENARO

Na Linha Espuma, a 30 metros do Rio Chapecó, encontraram-se na superfície fragmentos da cerâmica Tupi-Guarani.

SC – CH – 11 – FRANCISCO VAILONES

Na Linha Cachoeira, Beira Rio, a 80 metros do Rio Uruguai. O relevo é acidentado, outrora revestido por mata araucária apresenta hoje, restos de plantação de milho. Em 1979, o arado fez que aflorassem cacos. A Prefeitura de Chapecó, tomando conhecimento da descoberta, solicitou a colaboração da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e a equipe da Prof. Goullart iniciou os trabalhos de escavação em setembro de 1980.

Delimitadas duas áreas arqueológicas (Mancha 1 e Mancha 2), procedeu-

se a sua escavação sistemática por meio da técnica de decapagem. A área da Mancha 1 pelo seu valor arqueológico foi indenizada ao seu proprietário pelo prefeito da época.

Achou-se grande quantidade de material cerâmico afiliado à cultura Tupi-Guarani. Num total de 5.185 fragmentos, o 35,90% são do tipo corrugado-ungulado e 26,51% do tipo liso; os outros tipos cerâmicos apresentam uma ocorrência menor.

A espessura de maior freqüência está entre 7 e 15 mm, tanto nas peças lisas como nas decoradas. Os fragmentos de maior espessura teriam sido urnas funerárias e/ou uso doméstico.

As urnas são de altura variável (de 40 cm até pouco mais de um metro). Deviam ser utilizadas para sepultamento primário (o defunto era colocado na urna após a morte) ou bem para enterramento secundário (morto era sepultado primeiro na terra e tempo depois seus ossos eram colocados na urna) de crianças e de adultos. Essa prática, "pode ter sido uma forma de satisfazer o desejo de dar aos mortos um sepultamento digno e respeitoso" ou então uma forma "de preservar os cadáveres da sua destruição imediata". *Gou-lart, 1983, p. 64).*

Na época da publicação do relatório final dos trabalhos desenvolvidos no município, não se tinha datação deste sítio pelo Carbono 14. Estima-se, porém, pelas datações de sítios semelhantes, que a ocupação humana nesta área deu-se aproximadamente no ano 1000 de nossa era.

Os trabalhos de escavação deste sítio deveriam prosseguir ao igual que o levantamento ao longo de todo o rio Uruguai, pois a equipe da UFSC apesar de ter recebido informações sobre a existência de outros sítios, além dos já mapeados, não os visitaram, devido a exigüidade do tempo disponível.

11. DO RESGATE E DA NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DE NOSSOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Como deve ter ficado claro ao longo deste trabalho, o espaço habitacional pré-histórico do estado, não tem sido, ainda, o suficientemente investigado permanecendo grande parte de seus vestígios desconhecidos. Porém, pior do que a falta de estudos científicos, é o risco que se corre de perder valiosas fontes documentais da nossa pré-história:

"O processo de destruição de sítios arqueológicos no Rio Chapecó foi violento."

CEOM - UNOESC - CHAPECÓ
REGISTRO N.º

to. A população local por falta de conscientização não tratou da sua preservação, ressaltando nas entrevistas que até alguns anos atrás os vestígios ainda eram abundantes. A utilização do trator na lavoura foi a principal causa dessa destruição e sempre haverá esta lacuna no conhecimento da pré-história de Chapecó'' (Goulart, 1983, p. 65).

Poder-se-ia acervar que a própria falta de conscientização da comunidade é a que está provocando a determinação destas lacunas pré-históricas.

Os sítios e os diversos restos arqueológicos encerram rico potencial de informações ao respeito. A análise das técnicas de fabricação de artefatos de pedra e osso, dos produtos de madeira e trançados e até os fragmentos de cerâmica, são de fundamental importância para o estudo dos grupos humanos que os produziram. As grutas, os abrigos sob-rochas e os locais de sepultamento são outra fonte de grande informação. Todos estes vestígios relacionados no seu contexto e entre si, permitem determinar quem foram e como viviam os habitantes que no passado remoto viveram na região.

Estas manifestações culturais sofrem freqüentes vandalismos, uns realizados em nome do progresso; como as lavouras mecanizadas, as hidroelétricas ou as novas rodovias, outros decorrem de preconceitos ou de equívocos de informação. De forma tal que estes mudos testemunhos do passado, ora são destruídos por considerá-los "coisa de bugre", ora por despertar a cobiça de desinformados caçadores de lendários tesouros.

Coordenar as estratégias de valorização, preservação e investigação científica tem sido um dos imperativos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina inserido na Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste - FUNDESTE. O desdobramento de ações nesta perspectiva, deverá ser efetivado com o auxílio das atuais comissões municipais de coordenação local que o Centro de Memória definiu e com as que, futuramente serão definidas em outros municípios. Sem dúvida alguma, neste empreendimento será essencial o respaldo dos diferentes poderes públicos e das diversas forças societárias. Enquanto isso, as diretrizes específicas do Centro de Memória (Anexo 01) precisam ser conhecidas e levadas à prática. O iniciar deste processo permanente de reconstrução do passado permitirá visualizar não somente de onde se partiu, senão também, e fundamentalmente, onde se pretende chegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECK, Anamaria. Arqueologia em Santa Catarina. In: _____ **História de Santa Catarina**. Paraná, Grafipar, 1970. v. 2.
2. _____. A variação do conteúdo cultural dos sambaquis. **Pesquisas; Antropologia**. Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, n. 18: 77-87, 1968.
3. BORDES, François. **El mundo del hombre cuaternario**. Madrid, Guadarrama, 1968.
4. CANALS FRAU, Salvador. **Las civilizaciones pré-históricas de América**. Buenos Aires, Sudamericana, 1973.
5. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Toldo Chimbangue; história e luta Kaingang em Santa Catarina**. Xanxerê, CIMI, 1984. 108 p.
6. DIAKOV, V & KOVALEV, S. **A sociedade primitiva**. 2 ed. São Paulo, Global, 1985. 87 p.
7. GOULART, Mariland. **Projeto Arqueológico Uruguai; Levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó, Santa Catarina; Relatório**. Florianópolis, UFSC, 1983.
8. LAMING-EMPERAIRE, Annette. **La arqueologia pré-histórica** Barcelona, Martinez Roc, 1968. 1191 p.
9. MARCONI, Marina de Andrade & PRESSOTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia; uma introdução**. São Paulo, Atlas, 1985. 255 p.
10. MEGGERS, Betty J. **América Pré-histórica**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 242 p.
11. MENDES, Josué Camargo. **Paleontologia Geral**. São Paulo, LTC; USP 1977.
12. NEVES, Walter Alvea. Assim caminhou a humanidade. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, 8 (47): 46-54, out. 1988.

13. PESQUISAS, antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 40, 1985.
14. PESQUISAS; antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 15, 1966.
15. PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina; sua história**. Florianópolis, Lunardelli, UFSC, 1983.
16. RAMOS, Arthur. **Introdução à antropologia brasileira**. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943.
17. RESGATANDO o passado. *Perspectiva Universitária*, 14 (212): 6-mar. 1987.
18. RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de introdução à arqueologia**. Porto Alegre, Sulina, 1977.
19. RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. Petrópolis, Vozes, 1979. 257 p.
20. ROHR, João Alfredo Pe. **Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina**. Separata do volume I dos anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950. 120 p.
21. ———. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, 16 (17): 77-174, dez. 1984.
22. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xoklengs**. Florianópolis, Lunardelli, 1973. 312 p.
23. SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 1974. 124 p.
24. SCHMITZ, Pedro Inácio. Arqueólogos em ação na Bahia. *Ciências Hoje*. Rio de Janeiro, 8 (47): 78-80, out. 1988.

25. _____. O índio e a colonização do Rio Grande do Sul. In:VV AA, **O Índio no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1975.
26. _____. La arqueología del Nordeste argentino y del sur de Brasil en la vision del Dr. Osvaldo F. A. Menghin y de los arqueólogos posteriores. **Pesquisas**, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n^o 32:207-223, 1981 a.
27. _____. El Guaraní en Rio Grande do Sul - a colonización del monte y expansión. **Pesquisas**. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n^o. 32: 185-205, 1981.
28. _____. & BROCHADO, José Proenza. Datas para uma sequencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil). **Pesquisas**, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n^o 32: 31-160, 1981.
29. _____. Arqueologia de Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas**, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia n^o 32: 61-183, 1981.
30. SCHOBINGER, Juan. Pré-história de Suramérica. Barcelona, Ed. Labor, 1969.
31. THOMÉ, Nilson . **Civilizações primitivas do contestado**. Caçador, Imprensa Universal, 1981. 75 p.
32. TRIGGER, Bruce G. **Além da história; os métodos da pré-história**. São Paulo , EPU, 1973.

PRÉ E PROTO—HISTÓRIA REGIONAL

ATIVIDADES: Alocar, coletar e registrar o material encontrado referente à pré e proto-história na área de abrangência de cada município.

OBS.: Qualquer descoberta importante deve ser comunicada imediatamente ao CEOM/FUNDESTE

1.1. OBJETIVOS:

- Iniciar atividades de campo observando, in loco, possíveis sítios arqueológicos (buracos de bugres, grutas, etc).
- Desenvolver o espírito científico, através de estudos e observações do ambiente local;
- Coletar materiais arqueológicos que se encontrem em posse de particulares, respeitando técnicas de conservação;
- Levar a comunidade a trabalhar na coleta, resgate e preservação de suas áreas pré-históricas, abrindo espaços para a pesquisa.

2. PÚBLICOS ENVOLVIDOS:

- Alunos;
- Pais e professores (APP);
- Agricultores;
- Clubes de serviços;
- Jovens (Clubes 4s e/ou grupos de jovens);
- Associações classistas;
- Outros.

3. RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS:

- **Humanos**
 - . Equipe CEOM/FUNDESTE;
 - . Comissão Municipal de Memória;
 - . Diretores e Professores de Escolas.
- **Financeiros**
 - . Prefeituras Municipais;
 - . Órgãos financiadores diversos;
 - . (CNPq, Projeto Rondon, SPHAN, etc).

1.4. OPERACIONALIZAÇÃO (estratégias):

- 1.4.1. Em reunião com os diferentes públicos, divulgar a atividade em forma de desafio;
- 1.4.2. Definir subcoordenações junto a cada público envolvido;
- 1.4.3. Organizar turmas para visitação "in loco" de possíveis regiões arqueológicas;
- 1.4.4. Estabelecer normas de registros em fichas do material coletado e/ou sítio visitado;
- 1.4.5. Definir pontos de guarda e pré-organização do material junto a cada comunidade envolvida;
- 1.4.6. Organizar, tecnicamente, o material para torná-lo acessível ao público.

GLOSSÁRIO

O presente vocabulário foi elaborado tomando, principalmente, como base o glossário apresentado por Ribeiro (1977) e Mendes (1977).

- **Abrigo sob rocha:** Local arqueológico, formado por paredes rochosas, com uma parte projetada para fora (espécie de telhado natural) ocupados, ocasionalmente, por populações primitivas. No planalto catarinense são frequentes, em todos eles encontram-se sepultamentos.
- **Acordelado:** Técnica de confecção da cerâmica que consiste em superpor roletes de pasta de comprimento variável, em sentido circular até construir a parede do vaso. Mais de 90% da cerâmica do Sul do Brasil foi confeccionada com esta técnica.
- **Antropologia:** (Anthropus, homem; logos, estudo) Ciência que estuda o homem na sua totalidade (evolução psicossomática e cultural). A dimensão biológica do homem é estudada pela antropologia física; a dimensão sócio-cultural do homem é objeto de estudo da antropologia social e da antropologia cultural respectivamente.
- **Arqueologia:** Disciplina que se refere às técnicas de apreensão do passado da humanidade através da recuperação e classificação de seus vestígios materiais. Segundo o período da evolução humana que estuda, subdivide-se em arqueologia pré-histórica e arqueologia histórica.
- **Artefato:** Qualquer objeto manufaturado pelo homem.
- **Autóctone:** Aborígene, habitante primitivo de uma terra.
- **Camada:** Superposição de estratos, de composição natural ou artificial.
- **Camada de Ocupação:** Camada com evidências arqueológicas.

- **Carbono 14:** Ou radiocarbono isótopo radioativo do carbono comum (C-12) que se encontra nas plantas e animais numa determinada proporção. Com a morte dos organismos, essa proporção modifica-se devido à desintegração. Após 5.730 anos, a proporção cai para a metade. Determinar a proporção com o C-14 e o C-12 permite calcular a idade do material analisado. Esse método de datação, permite calcular idades até 70 mil anos com pequena margem de erro.
- **Casa Subterrânea:** Local escavado em forma de poço, com dimensões variáveis, provavelmente recoberto, que poderia ter sido utilizada como habitação.
- **Caverna:** Local arqueológico, coberto, onde a distância da boca ao fundo é maior que a altura e do que a largura. Conhecida também como gruta.
- **Cerâmica:** Recipiente artesanal feito de barro queimado.
- **Corrugado:** Tipo de decoração cerâmica em que, depois da colocação de cada rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso. O corrugado ungueado é a associação de ungueações a corrugações.
- **Cultura:** Conceito que engloba coisas materiais (objetos e técnicas) e elementos imateriais (crenças, conhecimentos, aptidões, normas, valores e símbolos).
- **Decoração Plástica:** É aquela que implica em modificação da superfície cerâmica. Tipos corrugado, ungueado, escovado, etc.
- **Digitado:** Tipo de decoração em que se fixam na superfície cerâmica as impressões das extremidades dos dedos.
- **Escavação:** Trabalho sistemático em um sítio.
- **Escovado:** Tipo de decoração cerâmica que consiste em passar um ins-

trumento com pontas múltiplas ou áspero (sabugo de milho, por exemplo) que deixa sulcos bem visíveis nas superfícies, guardando certo paralelismo entre si.

- **Etnografia:** Estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião. Disciplina integrante da etnologia.
- **Etnologia:** Estudo dos grupos humanos e sua cultura.
- **Etnologia pré-histórica:** Reconstituição da vida dos povos pré-históricos.
- **Fase:** Complexo cerâmico, lítico e de padrões de habitação, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios. A fase é uma fração da tradição. É um termo livre de conotações etnográficas, e, portanto, não implica em significação tribal ou linguística alguma. Exemplo: Fase Botucaraí de tradição Tupi-Guarani. São distintos em tempos diversos.
- **Inciso:** Tipo de decoração plástica que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões.
- **Indústria:** Conjunto de artefatos, de restos materiais. Quando ao conhecimento, de uma indústria se acrescenta o de aspectos como a arte, é lícito, arqueologicamente falando, usar o termo "cultura".
- **Mutações:** Modificações impressas num indivíduo em consequência de anormalidades ocorridas nos seus genes ou nos cromossomos de suas células e por isso tornam-se hereditárias.
- **Pasta:** Barro e antiplástico (tempero) misturado para a confecção da cerâmica.
- **Paleontologia:** Ciência que estuda restos fósseis de animais e vegetais que viveram antes dos tempos históricos. É auxiliada pela geologia e a biologia. Subdivide-se em 3 grandes ramos: Paleobotânica, Paleozologia e Paleoecologia (estuda o ambiente e hábitos de vida dos animais e vegetais pré-históricos).

- **Petróglifo:** Desenhos gravados em rocha, podendo ser coloridos ou não.
- **Pré-história:** Período anterior ao aparecimento da escrita. A e América, chega até o contato com o conquistador branco, segundo alguns autores, ou o surgimento de culturas “urbanas”
- **Proto-História:** História dos povos primitivos. História primitiva.
- **Roletado:** Tipo de decoração que consiste em conservar os roletes de confecção do vasilhame, sem analisar a superfície externa.
- **Sambaquis:** Montes de detritos (conchas, ostras, etc) nos quais se encontram artefatos de barro e de pedra, ossadas humanas e animais, etc; marco de civilizações primitivas que se verificam em toda zona litoral brasileira.
- **Simples:** Cerâmica sem decoração.
- **Sítio-acampamento:** Local de permanência temporária.
- **Sítio-arqueológico:** Local onde se encontram vestígios de sua cultura extinta. Utiliza-se também a denominação de sítio arqueológico de campo aberto, para diferenciá-lo do abrigo sob rocha ou das cavernas.
- **Sítio-cemitério:** Local onde se encontram apenas evidências de enterramentos primários ou secundários.
- **Sítio-habitação:** Local em vestígios culturais de permanência prolongada.
- **Sítio-oficina:** Local onde foram encontradas evidências de fabricação de artefatos.
- **Tradição:** Grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal. Exemplo Tradição Tupi-Guarani, Tradição Taquara, etc.
- **Ungulado:** Decoração composta por incisões produzidas pelas unhas sobre a superfície cerâmica.

- **Urna Funerária:** Vasilha utilizada para enterramento.
- **Vasilhame:** Todas as peças de recipiente de cerâmica.
- **Zoólitos:** Pedras esculpidas preferencialmente em basalto em forma de animal; geralmente apresenta esboço de cruz.

CUPOM DE ASSINATURAS

Solicito enviar-me:

- () Assinatura dos "Cadernos de Organização da Memória Sócio Cultural do Oeste de Santa Catarina" para o ano de 1989 (Valor: 6 BTN)
- () Números atrasados (3BTN cada) Serie **Documento** 3 BTN cada)
- (1)..... (3)..... (1)..... Município de Chapecó
- (2)..... (4)..... (2)..... Manual de Orientações

Para isso, estou enviando o cheque nº do Banco no valor de Ncz\$ em nome de FUNDESTE/CEOM

Dados do assinante

Nome:

Função:

Endereço:

Cidade/Estado:

CEP: Telefone:

Assinatura:

Encaminhe para:

FUNDESTE

Centro de Organização da Memória Socio-Cultural do Oeste de SC CEOM
Estrada Chapecó - São Carlos, Km 7
Cx. Postal 747 Fone 0497) 225033
89800 - Chapecó - SC

Composição, arte final e impressão
ASSESOAR
Av. Gal. Osório, 500
85.600 – Fco. Beltrão – PR
Fone (0465) 23-4744